

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 69

**JANELAS DE TRELIÇA
MULHER E TRABALHO NA PROVÍNCIA
DE MINAS GERAIS**

Maria do Carmo Salazar Martins

Março de 1994

Colaboração: Jonas José de Melo Alves
Vanessa de Cássia Viegas Conrado

Ficha catalográfica

396(815.1) Martins, Maria do Carmo Salazar.
M386j Janelas de treliça: mulher e trabalho na
1994 província de Minas Gerais/Maria do Carmo
Salazar Martins. - Belo Horizonte :
UFMG/CEDEPLAR, 1994.
55p. il. - (texto para discussão; n.69)
1. Mulheres - Emprego - Minas Gerais.
I. Universidade Federal de Minas Gerais.
Centro de Desenvolvimento e Planejamento
Regional. II. Título. III. Série.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL

**JANELAS DE TRELIÇA
MULHER E TRABALHO NA PROVÍNCIA
DE MINAS GERAIS**

Maria do Carmo Salazar Martins
Pesquisadora do CEDEPLAR/UFMG

**CEDEPLAR/FACE/UFMG
BELO HORIZONTE
1994**

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ASPECTOS DO COTIDIANO FEMININO NA PROVÍNCIA	7
3	O CASAMENTO: A TRADIÇÃO	8
4	O CASAMENTO: A REAÇÃO	12
5	O ENCLAUSURAMENTO	17
6	A VIDA SOCIAL	21
7	TRABALHO	27
8	OS DADOS CENSITÁRIOS - PANORAMA DA REGIÃO ESTUDADA	35
9	OS DADOS CENSITÁRIOS	37
10	CONCLUSÃO	48
11	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

1 INTRODUÇÃO

No debate sobre história econômica da Província de Minas Gerais já existe concordância entre vários estudiosos que a quase totalidade da indústria mineira era de caráter doméstico. O emprego da palavra indústria nesse contexto obedece ao seu significado no século passado. Indústria compreendia toda sorte de produção econômica, passando pela lavoura, artesanato, até a produção de bens para exportação. A parcela da população feminina inserida nessa indústria doméstica não pode ser desprezada.

Qual foi o papel da mulher livre no século XIX? Limitava-se a permanecer dentro de casa, refastelada no colo das mucamas, gritando ordens para os escravos? Se na vida social seu papel era periférico, sempre escondida atrás das portas, só aparecendo, coberta de véus, para ir à missa, ou nas grandes ocasiões festivas, por que trabalhos recentes têm demonstrado que parte significativa da força de trabalho provincial mineira era composta de mulheres?

O que encobriam as janelas de treliça, tão eficientes para vedação da intimidade quanto eficazes para bisbilhotar o exterior interdito? Grades sim, mas com frestas, possibilitando que cada raiozinho de luz fosse absorvido com sofreguidão pelas prisioneiras livres de uma sociedade patriarcal.

2 ASPECTOS DO COTIDIANO FEMININO NA PROVÍNCIA

Estudar o trabalho feminino em Minas Gerais sem relatar as condições em que vivia a mulher provinciana figura-se nos mascante e despropositado. Portanto, inserimos essa seção onde tentamos reproduzir a lida cotidiana do sexo frágil e sua busca por maior participação na sociedade.

Baseando-nos nas narrativas dos viajantes, nas notícias publicadas nos jornais contemporâneos, em diários de mulheres e em alguns romances escritos no século passado, procuramos pintar o retrato cultural de um povo, salientando aqueles aspectos onde a mulher aparece como sujeito e agente de mudança.

Extremamente rico em suas múltiplas facetas esse cotidiano não foi tomado aqui separadamente do masculino. Eles interagiam, complementando-se, e conservando suas peculiaridades, tanto as inerentes as próprias diferenças de gênero, quanto aquelas estabelecidas socialmente, portanto, de cunho histórico.

3 O CASAMENTO: A TRADIÇÃO

Um dos pilares da vida feminina no século XIX foi, sem dúvida, o casamento, seguido, é claro, da constituição de uma família. A tradição considerava natural, desejável e seguro que as filhas trilhassem os mesmos caminhos percorridos por suas mães e avós. Raramente uma jovem encontrava um ambiente familiar propício para buscar outras alternativas para sua existência.

O conto de Camillo Castello-Branco publicado no jornal *Atualidade* em 20/07/1878, sob o título "Conselhos de um pai para sua filha nas vésperas do seu noivado" ilustra bem a visão patriarcalista do relacionamento conjugal.

Casadas muito jovens, sob imposição dos pais, muitas vezes sem conhecer seus parceiros, as meninas deviam estar sempre sujeitas a tutela dos varões e serem-lhes submissas. Se isso representasse sacrifício seria ainda mais bonito.

O casamento oficial era privilégio daqueles capazes de arcar com despesas consideradas altas, restando aos segmentos mais pobres da sociedade as uniões ilícitas e imorais.

(...) "Ainda que as partes estejam perfeitamente de acordo é necessário que tenha lugar um processo perante o vigário da vara, e o resultado dessa ação bizarra é uma provisão que se paga por 10 ou 12\$000 réis (cerca de 65 a 75 fr.) ou mais, e que autoriza o cura a casar os nubentes. Se existe a sombra de um impedimento, então a despesa sobe a 30, 40, 50\$000 réis ou mais. É verdade que não há nada a acrescentar a essas despesas para a cerimônia do casamento propriamente dito; mas é necessário dispensar ainda 1\$200 réis com os proclamas. Assim, em um país onde já existe tanta repugnância pelas uniões legítimas, e onde seria tão essencial para o Estado e a moralidade pública que elas fossem encorajadas, os indigentes são, por assim dizer, arrastados pela falta de recursos a viver de modo irregular"¹.

Apesar de assumir formas diferenciadas, o casamento representava para homens e mulheres uma meta estabilizadora de suas vidas. Para estas últimas significava, também, complementar sua formação educacional e socializadora atribuindo-lhes os papéis de esposas, mães e donas de casa. Essas funções requeriam das mulheres praticamente todo o seu tempo, abreviando seu vigor físico e sua juventude como notaram vários viajantes².

O relato de Edésia Rabello sobre a vida de sua avó é exemplar.

1. SAINT-HILAIRE, 1975:84.

2. SAINT-HILAIRE, 1975:223, GRAHAM, 1956:149.

"Eu sentei num banquinho, na sacada, contemplando o belo panorama que dali se descortinava e me pus a pensar em vovó, no seu gênio alegre, que ainda conservava na idade de setenta e tantos anos. E toda a sua vida descortinou em meu pensamento: casada aos onze anos, com um homem de trinta e tantos; um grande número de filhos, dos quais perdeu a maior parte: Luís, com 11 anos; Bernardo, com 16; Antônio, aos 18, de febre tifo; Juca, vitimado também aos 18 anos na guerra do Paraguai"³.

Responsáveis pela formação moral e educacional dos filhos, as mães eram figuras presentes em todo o processo de socialização infantil. Juntamente com a prole elas compunham o grupo que deveria se submeter à ordem paterna. Dessa forma, pode-se imaginar os laços de solidariedade e cumplicidade que os uniam à revelia dos pais. Além disso, os cuidados e atenções das mães para com seus filhos eram dignos de nota⁴.

Essa decorrência do matrimônio - ser mãe zelosa - estava tão arraigada na mente das mulheres que causou espanto a Maria Graham a presença de crianças em festas que deveriam constituir eventos proporcionadores de descanso, lazer e prazer para adultos.

"Tomei a liberdade de observar a uma das senhoras a extrema juventude de algumas das crianças que acompanhavam suas mães naquela noite, e disse-lhe que na Inglaterra consideraríamos isso um malefício para elas, sob todos os pontos de vista. Perguntou-me o que fazíamos delas. Disse que algumas estariam na cama, e outras com as amas e governantes. Respondeu-me que éramos felizes nesse ponto; mas que aqui não havia tais pessoas e que as crianças ficariam entregues ao cuidado e ao exemplo dos escravos, cujos hábitos eram tão imorais que seria a perdição delas; e que aqueles que amam seus filhos precisam tê-los debaixo da vista, onde se é verdade que podem correr perigo de excesso nesse sentido, ao menos não podem aprender nenhum mal"⁵.

Ou seja, na sociedade escravocrata as mulheres assumiam o papel das governantes dos países civilizados. Os escravos, como coisas que eram, revelavam-se impróprios para educar uma criança. As cativas poderiam ser utilizadas como amas de leite, mas às mães competia a orientação moral. Se o domicílio não possuísse escravos que pudessem suavizar as tarefas maternas, era necessário que o sexo frágil desdobrasse esforços.

3. RABELLO, 1964:118.

4. BURTON, 1976:326.

5. GRAHAM, 1956:308.

Observando o comportamento culturalmente determinado dos pais não é de se estranhar a forte ligação entre mães e filhos. O pai, mesmo quando presente, conservava-se à distância como evidencia esse fragmento de Luccock:

"Na 'venda' estava uma pobre mulher exausta de fadiga, estivera a carregar um menino de cerca de quatro anos de idade, em busca de um médico. O marido estava com ela, mas como aqui não é do hábito desses senhores da criação ajudar suas companheiras em público, ou, em casos tais como esse, nem lhe passou pela cabeça, como tão pouco na dela de pedir-lho, aliviá-la carregando o menino; tanto podem os costumes! Na América do Sul ridicularizariam-no por submeter-se a uma tarefa de escravo; na Europa, desprezariam-no por deixar de socorrer a alguém na necessidade"⁶.

As mulheres eram também, as donas de casa. Como rainhas do lar cabia-lhes a administração de seu domínio. Elas coziam, cuidavam da horta e da criação do gado miúdo, supervisionavam os escravos (se os tivessem), cozinhavam, dentre outras atividades como eventualmente hospedar ou recepcionar convidados. Essa lida doméstica era comum tanto na cidade como no campo. Assim é que Ina Von Binzer se surpreende com a capacidade de trabalho de uma fazendeira que a contratara como perceptora: "ela é mais ativa do que qualquer dessas célebres donas de casa alemãs, em condições muito mais penosas, e se impõe a consideração e ao respeito de todos"⁷.

Nas vilas e cidades as tarefas domésticas também precisavam ser realizadas. Burmeister não chegou a penetrar a intimidade de uma família em São João del Rei mas nos deixou um relato onde se evidenciam as relações entre marido e mulher e a labuta feminina diária.

"Às dez horas, serve-se o almoço: feijão, angú, carne seca, farinha, toucinho, carne, arroz, um frango. (...). O dono da casa e o hóspede sentam-se a mesa, mas a dona fica na cozinha ou assiste a refeição, comendo mais tarde; só depois é a vez dos criados e escravos. Em seguida, começa a faina diária: a mulher entrega-se aos seus trabalhos e cose as roupas para o marido e os filhos; o esposo vai dar um passeio, jogar cartas ou palestrar com os amigos na esquina. (...). Entre 5 e 6 horas, as senhoras também saem para fazer suas visitas em casas de amigas acompanhadas das mucamas"⁸.

Há ainda um aspecto sobre o casamento que gostaríamos de ressaltar. Trata-se das relações extra-conjugais em que viviam tanto homens como mulheres. Em alguns casos estas últimas foram vítimas dos desmandos de seus maridos adúlteros como no episódio narrado por Burmeister:

6. LUCCOCK, 1975:362.

7. BINZER, 1982:97-98.

8. BURMEISTER, 1952:253.

"Contam-se casos como o de um [marido] que internou a esposa num convento por alguns anos a fim de poder viver com a amante na própria casa. A lei mesmo ajuda tal procedimento, pois, alguém querendo ver-se livre de sua mulher por certo tempo, basta recorrer a polícia, que a manda levar para um convento, ao qual o marido paga uma mensalidade. A mulher não opõe resistência: o homem manda e ela obedece. Durante esse tempo, o marido atira-se a uma vida folgada e de prazeres ao lado da concubina, que é enxotada quando não mais lhe agrada; o homem, então, ou toma outra, ou manda voltar a esposa. A mulher, ao regressar, trata de satisfazer o marido em tudo, a fim de não ser novamente enviada ao convento"⁹.

Entretanto, as relações ilícitas não eram exclusiva dos homens. É do próprio Burmeister essa apreciação das condutas masculina e feminina, ao comentar o excesso de zelo e controle dos homens sobre suas mulheres:

"A causa não se deve procurar unicamente no ciúme dos maridos, mas também na timidez das mulheres e ainda na inclinação natural de ambos os sexos de procurar de preferência os prazeres proibidos e não os admitidos. Muitas mulheres se mostram mais inclinadas para as relações ocultas no que para as públicas e dentro dos limites de uma sã vida social, pois essas últimas exigem uma certa agilidade de espírito e vivacidade, o que ou lhes é escasso, ou lhes falta por completo"¹⁰.

Escapa a Burmeister neste raciocínio que, ao contrário do que acredita, as relações proibidas, com certeza, exigiam muito mais vivacidade e agilidade de espírito do que as socialmente aceitas.

Além disso, como muitos casamentos eram realizados sem a livre escolha da noiva, e às vezes até dos noivos, a falta de compromisso com a fidelidade grassava em muitas relações. Esta foi uma das preocupações daqueles que levantaram a bandeira da regeneração moral dos casamentos no final do século.

9. BURMEISTER, 1952:246-247.

10. BURMEISTER, 1952:202-203.

4 O CASAMENTO: A REAÇÃO

Rasgando horizontes novos, quebrando tabus e propondo um modo desabusado de ver as coisas é fundado, na década de 1870, "O SEXO FEMININO", um semanário dedicado aos interesses da mulher.

Dirigido e de propriedade de D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, professora residente em Campanha, a linha mestra desse periódico concentrava-se na luta pela instrução e educação da mulher. A emancipação feminina deveria ser atingida através de um processo gradual, onde a instrução desempenharia o papel fundamental de desenvolver o raciocínio e as atividades das mulheres além das tarefas domésticas cotidianas. Nesse sentido seus artigos procuravam relatar a condição submissa a que estava sujeita metade da população de Minas e indicar-lhe os caminhos a serem percorridos para se livrar desse estigma.

Advogada consciente e persistente dos direitos da mulher, D. Senhorinha lançou um manifesto em 25 de outubro de 1873 intitulado "O que queremos".

- Queremos a nossa emancipação - a regeneração dos costumes;
- Queremos reaver nossos direitos perdidos;
- Queremos a educação verdadeira que não se nos têm dado a fim de que possamos educar também nossos filhos;
- Queremos a instrução pura para conhecermos nossos direitos, e deles usarmos em ocasião oportuna;
- Queremos conhecer os negócios do nosso casal, para bem administrarmos-los quando a isso formos obrigadas;
- Queremos enfim saber o que fazemos, o porque e o pelo que das coisas;
- Queremos ser companheiras dos nossos maridos, e não escravas;
- Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa;
- Só o que não queremos é continuar a viver enganadas"¹¹.

Em resumo, o manifesto prega uma participação ativa da mulher na vida do casal em contraposição a uma vida dedicada aos alfinetes e agulhas, aos pescoções e puxões de orelha na filharada e na escravaria, aos solfejos e dedilhados no piano.

Esse semanário, durante todo o tempo de sua existência (2 anos em Campanha e alguns na Corte, quando D. Senhorinha mudou-se para a Capital do Império), desenvolveu uma grande campanha feminista que, sem dúvida, contribuiu para que as mulheres de elite comesçassem a tomar consciência de seu potencial e se transformassem em "mulheres de espírito".

11. O Sexo Feminino, 25/10/1873, p.1-2.

Entretanto, é preciso deixar bem claro que o tipo de campanha feminista desenvolvido tem que ser encarado de acordo com o contexto oitocentista. A campanha feminista da época estava mais interessada em esclarecer as mulheres sobre seus direitos e deveres como donas de casa e mães de família do que em lançá-las no mundo em busca de profissões e participação política.

"A sua missão na terra não se limita, como muita gente pensa, a procrear filhos, mas bons filhos, ora, para os dar bons a sociedade, não é preciso ser uma Aspásia, nem uma Sapho, mas é preciso sabel-os educar, é preciso ter alguma luz, luz que possa guial-os na terra e conduzil-os aos céo (...).

É-lhe precisa uma instrução sólida e profícua.

É preciso que conheça seus direitos e seus deveres para melhor saber a nobre missão que tem a desempenhar no seio da família e da sociedade (...)"¹².

No centro de toda essa campanha feminista pode ser localizado um ponto nevrálgico: o casamento. Era preciso reformular o tipo de casamento predominante para que a mulher pudesse atingir a totalidade de seu potencial. Não se procurava ignorar o homem, nem desmerecê-lo. Muito pelo contrário, procurava-se elevar a mulher a altura do homem para que as relações entre os sexos pudessem se tornar harmoniosas, possibilitando ao casal cumprir com desenvoltura os desígnios da Divina Providência.

A instituição casamento passou a ser debatida publicamente reunindo artigos irônicos, preconceituosos, a par de análises sérias e argumentos científicos.

Grande parte dos textos alegava que cabia aos pais a responsabilidade pelos maus casamentos, uma vez que não educavam as filhas para que pudessem assumir o compromisso de modo satisfatório. Crianças ainda, mal formadas intelectual e fisicamente, as meninas passavam da tutela dos pais para a do seu amo e senhor. Ensinavam-lhes apenas a serem submissas, a se dobrarem à vontade senhorial. Nesse tipo de relação o respeito mútuo inexistia, levando a ditos do tipo: "O matrimônio é o complemento da mobília do meu palácio"¹³. As mulheres se transformavam, na visão dos homens, em trastes domésticos, utilizados quando necessários e recolocados em seu lugar quando fora de uso.

Um dos artigos, assinado pelo Deputado Alberto Brandão chega a usar linguagem bastante pesada ao afirmar que o pai vende a beleza da filha pois utiliza o dote como forma de enriquecer o marido. Uma relação apoiada nesse tipo de comércio, conduziria, inevitavelmente ao adultério pois nenhuma das partes sentiria moralmente pressionada para se ater à fidelidade¹⁴.

12. O Sexo Feminino, 08/08/1875, p.1-3.

13. Noticiador de Minas, 03/10/1872, p.2.

14. Diário de Minas, 11/03/1874, p.2-3.

Esses artigos que procuravam analisar o casamento profetizavam que uma das soluções para regenerar os costumes, ou seja impedir o adultério e o desrespeito mútuo, estava em se possibilitar a livre escolha do parceiro sexual. Que revolução esse tipo de liberdade deve ser provocado! Ela invadia de modo ostensivo a vontade senhorial sujeitando-a a vontade de um ser hierarquicamente inferior. No caso das filhas, então, deveria ainda ser mais difícil para um pai, acostumado a dar ordens e vê-las obedecidas por essas criaturas dóceis e frágeis, encontrar pela frente uma mulher dizendo-lhe um redondo não. A esses pais que foram capazes de quebrar a rigidez das normas a nossa homenagem.

Embutida na idéia de livre escolha de parceiros estava a necessidade de amadurecimento físico e intelectual das meninas. Uma jovem adolescente não poderia ser capaz de tomar uma decisão que lhe alteraria a vida de forma tão significativa. Era preciso que ela conhecesse mais o mundo (e os homens), que seu processo de instrução se completasse. Outra revolução: o gineceu tinha que deixar de existir e as mocinhas tinham de ficar expostas à sociedade nem que fosse para freqüentarem as escolas.

Um outro tipo de argumentação utilizado para analisar o matrimônio diz respeito ao tipo de poder que cada cônjuge exercia. O homem expressava sua vontade através da força, a mulher governava a família pelo "irresistível poder da doçura, que é muitas vezes superior a força"¹⁵. Em outras palavras, supunha-se que a mulher era dócil por natureza e, portanto, o seu carinho, o seu amor, compensariam tanto as afoitezas do sexo masculino, quanto sua falta de qualificação para o exercício do papel de dona de casa.

Essa era a visão que o homem precisava e queria ter das mulheres. Entretanto o perigo que a ilusória doçura encerra, o seu poder, estava em ensinar as mulheres a fingir. Inculcando uma superioridade ao homem, a mulher decodificava as razões da vontade senhorial, arrancando dele sem pedir e sem lutar abertamente, aquilo que desejava. Nesse sentido os filhos e as tarefas domésticas eram as armas que possuíam para se tornarem Senhoras, donas de um poder que, embora hierarquicamente inferior ao do varão, não deixava de lhes conceder o direito de posse e de domínio sobre outros e uma certa independência na tomada de decisões. É exemplar o fato narrado por Helena Morley, sobre como, mesmo contrariando seu avô, sua avó fabricava sabão¹⁶.

No entanto, a adoção dessas idéias encontrava muita resistência. E aqui surge um conflito interessante. Os Estados Unidos e a Europa eram considerados modelos de civilização onde buscavam-se a moda, a cultura e o estilo de vida. Lá, esse procedimento liberal, se não era tido como absolutamente comum, caminhava a passos largos nesse sentido. Aqui era considerado como um estrangeirismo nefasto, ocasionando reações tirânicas.

15. O Liberal do Norte, 08/12/1887.

16. MORLEY, 1942:78-79.

Veja-se, por exemplo, o relato de Thomas Ewbank sobre a vida de Madre Teresa:

"Teve uma ligação que o pai não aprovou, embora seu namorado fosse por todos os títulos digno dela. Por influência dos pais da jovem, o rapaz foi mandado para longe e ela levada diretamente para prisão perpétua no horrível convento da Ajuda. Angustiada (...) tentou dar paradeiro as suas misérias por meio do suicídio (...). [Transcorreram-se anos até que] concitada a tomar o véu aceitou: no entanto quando as cerimônias estavam quase terminadas despertou como de um letargo artificialmente produzido e explodiu em tal torrente de injúrias contra seus pais e sua família que assistiam a solenidade, contra a abadessa, o convento e todo o sistema de fraude e tirania eclesiásticas, que todos permaneceram horrorizados por um momento. Foi, porém, apenas um momento! Era evidente que a jovem estava possessa. Nessa crença, foi amordaçada, levada para sua cela, presa com cordas e punida de maneira tal como nenhum ser vivo sabe, a não ser ela própria"¹⁷.

Ainda que perdurassem essas formas de controle sobre a vida das mulheres, as novidades, na forma de relação entre os sexos vinham chegando lentamente, invadindo a mentalidade e até as pequenas atitudes cotidianas. Como em todo processo de mudança, os antagonismos e a dualidade geravam conflitos que iam desde o nível pessoal até o social. Eis um exemplo: acometida por um enorme remorso, a Sra. Júlia Lopes de Almeida levou às páginas da Gazeta de Ouro Fino em 11/12/1892 um artigo bastante revelador desse dilema interno que as mulheres tratavam entre a reclusão doméstica e a liberalidade das novas normas sociais.

Voltando de um baile ela corre a ver seu filho adormecido amofinada por tê-lo deixado só tanto tempo para se divertir.

"Não vale a pena trocar por essa ventura [o filho] o vaidoso prazer de arrastar n'um salão a cauda de um vestido de seda; não, minhas amigas, não vale a pena! ..."

E, a partir daí ela questiona as moças solteiras que comparecem às festas:

"Eu não sei bem o que pensam essas bonitas crianças que antes dos quinze anos já aparecem na sociedade com modo senhoril e muitas fitas (...)"

O relato citado acima expõe uma mulher dividida, emancipada o bastante para escrever um artigo para um jornal, mas ainda sofrendo todo o peso de uma educação que a faz encarar o lar e os filhos como a única função gratificante a ser exercida pelo sexo feminino, levando-a, portanto, a censurar aquelas moças que já haviam se libertado do gineceu.

17. EWBank, 1976:128-129.

Um outro tipo de reação é o que se encontra publicado no Diário de Minas de Ouro Preto nos números 477 e 480. Trata-se das críticas de um pai de família ao fato de o Liceu Mineiro (escola masculina) e a Escola Normal (feminina) serem localizadas perto uma da outra e os estudantes manterem algum tipo de comunicação.

"Por ventura andaes com elles pelos corredores e esconderijos? Sim, ou não, si andaes sois cúmplices, si não sois umas tolinhas em querer negar aquilo que está na consciência de todos (...)"

Nós, paes de família, acostumados com o rigor e severidade, de outros tempos, admiraríamos esse "progresso", tiraríamos do seio d'elle as nossas filhas, mas não retrucaríamos. Ficaríamos sabendo que nada quer dizer um homem ficar preso no salão de estudo com uma moça, sem sciencia da mestra, e de todos; que hoje nada é mais natural, attencioso e delicado do que um estudante tocar nos "botões de cravo" de uma moça (...).

Esse debate, que produziu sete notas no jornal em que alunas, professores, diretores, e até mesmo o Inspetor Geral da Instrução Pública, protestaram violentamente contra as calúnias levantadas pelo "Pae de Família" bem demonstra o conflito gerado pela mudança de costumes. A escola se torna uma perversão quando predispõe o contato entre os sexos e não uma fonte de educação. É provável que na mente desse pai de família, que significativamente permaneceu incógnito durante todo o debate, prevalecia o velho provérbio português: "uma moça está suficientemente bem educada quando consegue ler seu livro de missa e escrever a receita da goiabada".

O que esse material jornalístico retratava era que ainda prevalecia o ideal de dominação/subordinação mas já estavam lançados no bojo dessa ideologia os antagonismos de classe constitutivos desta política específica de domínio. Ou seja, às mulheres era dada uma visão do mundo própria, diferente da senhorial prevalescente, e lhes eram fornecidas armas para lutar contra esse domínio. A instrução, a educação moral e o desenvolvimento da inteligência deviam se associar ao amor e ao irresistível "poder da doçura". As mulheres estavam aprendendo a utilizar as mesmas armas de seus parceiros. Os homens também eram sensíveis aos elogios. Enaltecer-lhes os méritos com um sorriso cativante, explorar a aparência ingênua com uma pergunta sutil ao mesmo tempo em que cuidavam de seus afazeres de maneira competente, era ainda a forma mais eficaz de penetrar num mundo até então restrito ao sexo masculino.

5 O ENCLAUSURAMENTO

Uma das formas de controle das mulheres durante o século XIX foi a continuidade da tradição ibérica de privá-las do convívio social. O enclausuramento feminino foi amplamente narrado pelos viajantes.

Ao comentar esse hábito Burmeister justifica-o em parte pela timidez da mulher brasileira, em parte pela deformação moral masculina que "julgando os outros por si" consideravam mais adequado mantê-las presas.

Algumas casas reservavam cômodos específicos para esse fim. Totalmente interditados a estranhos, destinavam-se não apenas às jovens como também à própria senhora¹⁸.

Além desses cômodos privados, o gineceu, outros cuidados eram tomados pela família quando da hospedagem de um estranho, alojando-o em local independente da casa, de tal forma que não restringisse a liberdade das mulheres, nem tampouco participasse de sua intimidade, como foi observado por Saint-Hilaire:

"Apresentei-me em Ocubas, sob os auspícios do intendente, e não podia esperar senão boa recepção; (...). Deram-me um pequeno quarto abrindo para fora. Em geral é uma peça separada do resto da casa que se agasalha o estrangeiro; desse modo evita-se-lhe o trânsito pelo interior da casa e ele não pode ver as mulheres"¹⁹.

Mas não se deve imaginar que o isolamento tornasse as mulheres completamente alheias ao que se passava em seu domicílio. Vários viajantes salientaram a curiosidade como uma das facetas da personalidade feminina oitocentista.

"Durante todo o tempo em que passei em casa do capitão Verciani, a dona da casa não se mostrou; entretanto, enquanto comíamos, via um simpático vulto feminino avançar docemente através da porta entreaberta; logo, porém, que lançava os olhos para esse lado, a senhora desaparecia"²⁰.

Ainda que essas mulheres não participassem diretamente do convívio e conversas com os visitantes, tanto em seus vultos à espreita, como na preparação da refeição e bebidas a serem servidas, elas estavam presentes. Parafraseando Mallarmé sua presença consubstanciava-se de maneira quase alucinante na sua ausência.

18. SAINT-HILAIRE, 1975:25.

19. SAINT-HILAIRE, 1974:52.

20. SAINT-HILAIRE, 1975:325.

"Nosso hospedeiro ficou muito satisfeito em ter-nos novamente em sua casa. Ainda dessa vez, não consegui ver sua mulher, embora lhe ouvisse a voz vinda da cozinha, onde andava atarefada; segundo os costumes brasileiros, a mulher não saía do seu reino natural"²¹.

Esse procedimento também era adotado quando o dono da casa achava-se ausente. Os cientistas estrangeiros viajavam munidos de credenciais oficiais que obrigavam as pessoas a recebê-los. As mulheres cercavam-se de cuidados ao acolher um visitante nessas condições. Em primeiro lugar porque se tratava de um desconhecido; em seguida, a questão moral se impunha mais do que nunca, já que o varão não se encontrava.

A narrativa de Saint-Hilaire mencionando sua hospedagem em um paiol longe da casa grande e recebendo suas refeições das mãos de duas mulheres através de um pequeno buraco na parede, ilustra muito bem esse ponto²².

Entretanto encontramos evidências de que mulheres não apenas desfrutavam o convívio dos viajantes como também tomavam iniciativa no que dizia respeito à hospedagem. Mas uma característica que logo chama a atenção sobre algumas dessas mulheres reside no fato de serem viúvas ou idosas. Elas mantinham conversação alegre e agradável com os hóspedes, contrariando a imagem de tímidas e arredias.

Vejamos pequenos fragmentos que comentam esse contato:

Sobre uma viúva que hospeda Luccock:

"Divertiu-nos com anedotas sobre viajantes anteriores, tanto ingleses como franceses, descrevendo-nos suas maneiras e mais aquilo que pensava serem suas intenções e temperamentos (...)"²³.

Sobre outra que recebe em sua casa Burton:

(...) ela fez o café, esquentou a carne, e ficou conversando conosco até a hora de dormir - coisa rara e digna de recordação, em uma viagem nestes dias pelo Extremo Oeste Brasileiro"²⁴.

21. BURMEISTER, 1952:265.

22. SAINT-HILAIRE, 1975:138.

23. LUCCOCK, 1975:328.

24. BURTON, 1977:29.

A idade e o estado civil dessas mulheres credenciavam-nas o suficiente para não serem objeto de cuidados ou censura do grupo ao qual pertenciam. Pode-se dizer que a viuvez ou a idade avançada eram os passaportes para a sociabilidade feminina: elas conferiam às mulheres uma autonomia que na juventude lhes fora cerceada.

Vale a pena lembrar as estadias de Saint-Hilaire e Gardner na fazenda do capitão Verciani. Transcorreram-se vinte e três anos entre uma e outra visita. O primeiro viu somente um vulto feminino; o segundo manteve contato todo o tempo com a senhora mas não vislumbrou suas filhas, então crescidas²⁵.

Todavia, em algumas regiões da província os costumes eram mais flexíveis no que diz respeito à convivência de homens e mulheres. Diamantina constituía um exemplo notável. Lá as mulheres desfrutavam uma liberdade não observada na maioria das regiões percorridas pelos viajantes. Até mesmo em Vila Rica prevalecia a tradição do gineceu. É o que demonstram esses dois relatos de Saint-Hilaire:

"Após duas léguas chegamos enfim à capital do Distrito dos Diamantes. Como procediam reparos nos edifícios da Intendência o Sr. da Câmara tinha sido obrigado a passar para uma casa que apenas dava para sua família, fui então hospedado em um prédio outrora habitado pelos intendentos do Distrito, mas as refeições eu ia fazer em casa do Sr. Da Câmara, e, durante minha estada no Tejuco ele não cessou de cercar-me de distinções. A Sra. da Câmara, mulher de modos distintos, fazia as honras da casa. Ela e suas filhas não se escondiam nunca, comiam conosco, e adotando os hábitos europeus admitiam o convívio dos homens"²⁶.

"Não conhecendo então os hábitos da região, imaginava que, durante nossa estada em Vila Rica, teríamos ocasião de tornar a ver as senhoras com que passamos o sarau em casa do governador. Fizemos freqüentes visitas aos seus maridos, que eram os principais personagens da cidade, mas não avistamos uma única mulher"²⁷.

O modo de vida feminino no século XIX modificava-se segundo a camada social e a região a que pertenciam as mulheres. Se haviam mulheres pudicas e tímidas, que mal olhavam para homens estranhos, os narradores deixaram também suas impressões sobre outras delas cujo comportamento fugia do padrão ditado por seus países de origem.

25. GARDNER, 1975:197.

26. SAINT-HILAIRE, 1974:26-27.

27. SAINT-HILAIRE, 1975:75.

Se com as primeiras os viajantes mal tinham contato, as segundas estavam nas ruas, nos parapeitos das janelas, enfim nos espaços de acesso ao público. Há relatos que dizem de mulheres que fumavam e bebiam como homens, gritavam ao falar, davam risadas sonoras e mesmo escarravam nas ruas. Essas mulheres eram, sem dúvida, pertencentes às camadas menos abastadas da sociedade. Seus comportamentos, considerados rudes pelos viajantes, obedeciam a normas de conduta social específicas, diferenciadas das européias, como as observadas por Maria Graham, durante sua estada na Corte, por exemplo.

Mas, ao contrário do que se poderia supor, aquele comportamento considerado estranho pelos viajantes não era, em certas regiões, característico apenas das classes desfavorecidas. Pohl relata admirado que numa festa na casa do governador (lugar onde se supõem estariam pessoas que gozavam de um status sócio-econômico compatível com o do anfitrião) as jovens consumiam grande quantidade de bebidas alcoólicas²⁸.

O comportamento rude de algumas mulheres, como conversar aos gritos umas com as outras, não se referia especialmente as mulheres pobres. Esse fenômeno foi observado por Burmeister, que cita Saint-Hilaire, como um observador anterior a ele, e que acreditava que esse hábito tivesse sua origem e permanência ligadas ao tom que usualmente usavam na lida com a escravidão²⁹. Um hábito oriundo do âmbito privado, transposto para o público. A exaltação no falar também foi notada, entre as moças, por Ina Von Binzer em um colégio no qual lecionou:

"Exaltam-se, gritam e chegam não raras vezes a ficar com o rosto enrubescido como cerejas"³⁰.

Tais impressões surpresas com relação as manifestações de comportamento distintas das que conviviam na Europa, eram recorrentes. Não que nesta última não fossem encontrados comportamentos rudes como os daqui, mas, e é pertinente que se diga, de um modo geral, os viajantes que aqui estiveram pertenciam às elites em seus países de origem. Homens e mulheres letrados que dificilmente conviviam com as camadas desprovidas de suas respectivas sociedades.

Além disso, assim como os estrangeiros consideravam nossos costumes *sui generis*, para não dizer grosseiros e pouco civilizados, os brasileiros (e em especial os maridos e pais zelosos) deviam ver nos hábitos europeus uma nocividade da qual seria melhor prevenirem-se. É possível que aos europeus fosse imputada uma liberalidade de costumes que contradizia a tradição ibérica, da submissão feminina³¹. Era mais seguro, portanto, não expor as mulheres a essa tentação.

28. POHL, 1976:399.

29. BURMEISTER, 1952:248-249.

30. BINZER, 1982:63.

31. SAINT-HILAIRE narra uma conversa que teve com os comerciantes de Formiga. Ao responder afirmativamente à pergunta se as mulheres eram tão livres na França quanto tinha comentado um seu compatriota recebeu a seguinte resposta "Deus nos livre de tamanha desgraça". 1975:90.

6 A VIDA SOCIAL

Apesar da permanência da tradição encontramos evidência de que o universo feminino não se restringia ao espaço domiciliar. Eram várias as formas de interação social das quais participavam as mulheres.

Além das visitas a parentes e amigos, os passeios a pé ou a cavalo propiciavam oportunidade de terem contato com outras pessoas. Os passeios a pé eram mais comuns nas zonas urbanas e, de acordo com os dados que coletamos, resumiam-se a caminhadas com destino certo como ida à missa ou a alguma festividade.

O hábito de freqüentar a igreja foi, ao longo do século XIX, uma forma de passeio na qual se apraziam homens, mulheres e escravos. A missa, segundo Burmeister, pouco passava de um quarto de hora, mas constituía tempo suficiente para que códigos sociais ali se manifestassem. Em posição notadamente superior os homens livres e de prestígio postavam-se em pé dentro da igreja, enquanto as mulheres permaneciam de joelhos ou sentadas no chão no centro da nave, e os escravos e os pobres conservavam-se perto da porta³².

Dessa forma pode-se dizer que ao cumprirem suas obrigações religiosas a população perpetuava e reproduzia as distinções de classe e sexo. Além disso a posição ocupada pelos homens facilitava-lhes a visão de todas as mulheres, tanto para vigiá-las, como para fazer-lhes a corte. Por outro lado, o grupo compacto de mulheres assentadas lhes conferia respeitabilidade e segurança para aceitar a corte e expor seus encantos sem ultrapassar as barreiras das sanções culturais.

Dirigindo-se ou regressando da igreja ou de alguma atividade, as mulheres consideradas de boa reputação se faziam necessariamente acompanhar por escravos ou familiares. O grupo familiar se colocava em fila, onde hierarquicamente os mais velhos sucediam os mais jovens, culminando com a figura do pai que, atrás de todas as mulheres da família detinha o controle das mesmas durante todo o trajeto. No que tocava às filhas, aquele último era auxiliado pela mãe, colocando, assim, as jovens casadoiras sob a severa vigilância dos quatro olhos paternos como salientou Burton³³.

Ilustrativa desse comportamento é a prancha de Debret intitulada "Um funcionário a passeio com sua família"³⁴.

32. BURMEISTER, 1952:248-250.

33. BURTON, 1976:166.

34. DEBRET, 1972:126-127.

A presença da família ou de algum escravo estabelecia as barreiras dos assédios às mulheres, que uma vez estando sós na rua (condição atribuída às escravas e às prostitutas) poderiam ser facilmente supliciadas com a

"excessiva cortezia dos homens [que] não estando acostumados a ver as senhoras suas patrícias sozinhas, na rua e mesmo sabendo que nós estrangeiras gozamos dessa liberdade, consideram-se no direito de desacatar com gracejos as mulheres européias, quando não se acham acompanhadas"³⁵.

Ainda que a maioria dos relatos versem sobre o recato e a timidez femininos, há narradores que contradizem essa imagem ao notarem que algumas dessas moças sabiam "muito bem piscar para os lados"³⁶. Às formas rígidas de controle familiar correspondiam burlas de extrema sofisticação.

"Entre outras coisas, aprendi pela observação enquanto os mais velhos das famílias estavam entretidos nas ruas (...) que os jovens pernambucanos são tão destros no uso de sinais como os próprios amantes turcos; e que freqüentemente um namoro é mantido desta maneira"³⁷.

Uma outra forma de interação social estava nas festividades, que podiam ser populares, oficiais, bailes ou casamentos, e das quais também participavam as mulheres, como observadoras nas sacadas e janelas das casas, ou como participantes ativas. Assim citamos dentre outras festividades, a cavalhada:

"Se o herói era bem sucedido, retirando a argolinha com a lança, escolhia na assistência uma dama, mandava-lhe um pajem negro pedir licença para lhe oferecer o troféu, entregava-lhe e, triunfante, ao som de fanfarra, corria ao encontro dos cavaleiros, trazendo na lança uma faixa ou laço de fita, alí amarrado pela mão da escolhida"³⁸.

Além das festividades, religiosas ou profanas, e das idas à missa, havia ainda os passeios a cavalo. Sobre eles os relatos se mostram particularmente interessantes, na medida que se atêm bem mais ao vestuário e a forma como as mulheres montavam do que propriamente ao aspecto do controle sobre elas. Esses passeios nos parecem mais descontraídos, talvez por se tratarem de viagens ou ainda por serem em sua maioria no campo, onde certamente o contato com estranhos era bem mais distanciado

35. BINZER, 1982:66.

36. POHL, 1976:86.

37. GRAHAM, 1956:122.

38. SPIX e MARTIUS, 1981:47.

ou quase inexistente. Há uma grande incidência de relatos de mulheres que montavam como homens, e alguns em que aparecem na garupa.

Em um dos relatos há um detalhe com relação ao vestuário que consideramos bastante peculiar. Sendo as roupas de montaria simples, geralmente pouco coloridas e por vezes até grotescas, encontrava-se nas saias de baixo o detalhe da feminilidade e da sensualidade, ao trazerem em seus barrados, que se deixavam mostrar sob os vestidos, bordados ou mesmo "versos galantes"³⁹.

A aquarela de Florence "Embira açu" mostra um casal a cavalo, a mulher recatadamente vestida com roupas escuras e chapéu alto mais parecendo uma cartola, mas deixando entrever uma profusão de rendas e enfeites nas anáguas⁴⁰.

Esses barrados das saias de baixo eram um limiar, uma fronteira dos âmbitos do público e do privado. Sua exposição, ao contrário do que se poderia supor, não significava uma transgressão às normas de comportamento vigente mas uma exibição de bom gosto, de cuidado com o vestuário, ainda que sendo íntimo.

Sobre a exibição acima mencionada, cabe darmos agora um destaque àquele que constituía uma das peças fundamentais da vida social feminina: o vestuário.

Diferenciador dos vários estratos sociais o vestuário correspondia ao que seria o "cartão de apresentação" feminino à sociedade, assim como o de sua condição sócio-financeira e de sua família. Tal era sua importância que começamos por citar um fato narrado por Burmeister. Conta esse viajante que por não possuir uma capa, com a qual freqüentemente as mulheres compareciam à missa, uma sua hospedeira em Congonhas abria mão desse hábito social, ficando em casa, enquanto seu marido ia a igreja. Ir à missa sem capa significava assumir uma condição social que ela acreditava incompatível com a imagem que fazia questão de preservar, a de não ser pobre⁴¹.

A moda vinha da Europa, em especial da França, e quando aqui chegava sofria leituras particulares dos vários grupos sociais e regionais. Nos círculos mais abastados, do qual a Corte era o exemplo mais pujante, eram comuns as comparações feitas pelos viajantes entre o vestuário feminino brasileiro e o europeu, chegando-se mesmo a mencionar sua semelhança. Entretanto, principalmente quando se avançava para o interior do país, as brasileiras elaboravam suas vestimentas segundo os códigos locais, variando as cores, os adereços e modelos. Comumente relatada como multicolorida, a indumentária feminina contrastava com o modo discreto de vestir europeu. O exagero, que era descrito tocando as raias do grotesco, parecia ser a característica que mais feria os olhos germânicos de Ina:

39. SPIX e MARTIUS, 1981:195.

40. Ministério das Relações Exteriores, Expedição Lanqsdorff ao Brasil, vol. III, p.87.

41. BURMEISTER, 1942:249.

"Era muito engraçado apreciar como essa gente boa e simplória tinha se enfeitado. (...)

As mulheres mostravam-se graciosas nos seus vestidos multicores.

Algumas, orgulhosamente ostentavam todas as cores do arco-íris: o turbante vermelho, o vestido azul e o cinto verde, nenhum constrangimento lhes causavam"⁴².

É interessante ressaltar neste ponto que além das toilettes propriamente ditas, um outro fator concorria para que a beleza das mulheres brasileiras não fosse apreciada. Trata-se de sua compleição.

O contraste do tipo moreno em relação ao louro europeu revelam uma particularidade do aspecto físico das mulheres brasileiras que era notado e, em muitos casos, usado como elemento reforçador de imagens grotescas ou simplesmente feias.

"Suas mãos morenas cheias de anéis seguravam um leque muito colorido e em vez de chapéu fizera um penteado exageradamente crespo, preparado na certa para essa ocasião"⁴³.

As diferenças de caráter fisionômico entre as brasileiras e as européias, somadas às leituras de vestuário construídas nessas diferentes sociedades constituíram campo fértil para as anotações dos viajantes. Além da extravagância já mencionada acima, a suntuosidade com que se vestiam as brasileiras em ocasiões festivas era igualmente digna de nota⁴⁴.

Vestir-se bem, era caro e havia basicamente duas formas de fazê-lo: ou adquiria-se roupas importadas ou mandava-se confeccioná-las em alguma modista. Em ambos os casos era dispendioso ter uma bela "toilette" de sorte que aí, assinalavam-se as diferenças de status sócio-econômicos. A vaidade feminina, nesse sentido, era um traço comum observado pelos viajantes⁴⁵.

Quando Saint-Hilaire ou mesmo D'Orbigny citam os excessivos gastos das mulheres com luxuoso vestuário, escapa-lhes que, desde que a moda masculina tornou-se mais discreta (uma das reações burguesas aos hábitos da nobreza) coube à mulher, através de sua indumentária, estabelecer socialmente o status de seu núcleo familiar. A mulher, passou a desempenhar a importante função de "falar" sobre a solidez econômica de seu marido ou família, ainda que às vezes precisasse para tanto "afetar a economia doméstica dos seus lares"⁴⁶. É particularmente interessante notar que Maria Graham

42. BINZER, 1982:32.

43. BINZER, 1982:42.

44. BURTON, 1976:75.

45. D'ORBIGNY, 1976:149.

46. D'ORBIGNY, 1976:143.

não tecia comentários críticos sobre a vaidade feminina, como faziam seus contemporâneos. Pelo contrário, não sabemos se era por estar na Corte ou se devido a sua generosidade, ela sempre fazia declarações elogiosas às mulheres com quem convivia.

Esse traço de comportamento feminino, ou seja, a excessiva preocupação com a toilette e a importação da moda, que pode, inclusive ser interpretada como um dos sinais de mudança social tornou-se, mais no final do século, objeto de condenação pelas mulheres de espírito.

"Um apelo dirigimos ao nosso sexo, para que abandonem o indiferentismo a que tem sido o maior perseguidor de todas as idéias novas (...).

Relativamente às mulheres (...) elas têm indeclinável necessidade de ler e escrever muito, esquecendo-se por algum tempo da toilette já assaz lida, perfeitamente entendida e *completamente* executada"⁴⁷.

A vida social, entretanto, não se restringia apenas aos aspectos acima mencionados. Ela possuía ainda outros espaços de manifestação e variados matizes como podemos verificar no jornais do período. Em um deles, o Propaganda, de Diamantina, encontramos o seguinte material:

"Isabel de Souza Queiroga e suas filhas, partindo de passeio para Santa Bárbara e não tendo podido despedir das pessoas de sua amizade, o fazem por meio deste"⁴⁸.

O anúncio é bem claro: mulheres e somente mulheres, deixavam o lar para uma viagem de lazer. Essas mulheres não se relacionavam apenas com parentes, pois se despediam "das pessoas de sua amizade". Além disso, ao utilizarem um veículo de comunicação público, expunham a toda a sociedade suas atividades.

Pode-se alegar que essa viagem constituía um acontecimento único e excepcional na vida dessas mulheres, tornando-se necessário alardeá-lo ao mundo. Mas se as atividades das mulheres deviam ficar restritas ao círculo familiar, por que propagandear uma tão contrária ao dogma do enclausuramento feminino?

Outro argumento a ser utilizado é de que o marido (no caso de existir um marido, o que não fica explícito nessa nota de despedida) consentiu nessa viagem e que foi ele, ou com a sua permissão, que o anúncio foi colocado no jornal. Nesse caso então o marido demonstrou estar a frente de seu tempo, e isso vem corroborar a idéia de que mudanças de valores estavam começando a operar na sociedade.

47. O Sexo Feminino, 08/08/1875, p.1.

48. Propaganda, 17/07/1888.

Um outro anúncio nos chamou a atenção. Publicado no final do século, num período em que a sociedade brasileira passava por grandes transformações, a notícia foi escrita de forma jocosa por alguém que criticava o comportamento feminino durante as festas carnavalescas. O artigo relata dois episódios envolvendo rapazes e moças. No primeiro deles o rapaz molhou uma moça e a mãe dela o empurrou. A resposta foi a seguinte: "donas dessa ordem não queremos saber de graças". No outro episódio o rapaz, pensando ser correspondido, atirou à moça uma bisnagada e de volta "tomou na fuça um grande muchocho. A esta bem educada muchacha diremos que se quiser tomar algumas lições de civilização estamos sempre a suas ordens"⁴⁹.

Em primeiro lugar esse artigo denuncia o fato de encontrarem-se moças na rua, acompanhadas ou não, em meio a uma festa pagã e libertina "onde as mulheres presentes eram de "teatro ou do "demi-monde"⁵⁰, e portanto abominada pelas européias. E ainda mais, essas mulheres responderam as provocações dos homens. Não importa se as provocações masculinas causaram reações negativas, o que importa é que foram respondidas, refletindo comunicação entre os sexos. É verdade que durante o carnaval o grau de permissividade é maior, mas as senhorinhas já não se colocavam apenas nas sacadas para observarem o corso e serem observadas. Elas se misturavam aos homens nas ruas. Além disso, o jornal prolongou esse primeiro contato entre os sexos ao noticiar o ocorrido.

Não poderíamos deixar de mencionar uma peculiaridade pertinente aos dois casos acima expostos. Tanto num, como no outro, a forma como os homens se manifestaram trazia uma certa dose de agressividade. Pode-se até alegar a descontração do carnaval como proporcionadora desse comportamento, mas o que ele nos inspira é ser justamente o reflexo da falta do contato entre os sexos de forma contínua. Outra hipótese que justifique tais iniciativas pode ser igualmente encontrada na forma tradicional de tratamento dos homens para com as mulheres pautada na força física e agressividade. O período era caracterizado pela convivência das tradicionais e das novas formas de interação de homens e mulheres, de sorte que pode ser que encontremos nesse comportamento resquícios da educação recebida pelos jovens rapazes ou dos exemplos vivenciados e transmitidos pelos seus pais.

O conteúdo dessas notas de jornais incita-nos a repensar a história. Alguns autores apresentam as mulheres da classe dominante em atividade constante na senzala e em outros afazeres domésticos; outros numa vida de ociosidade perpétua. Apesar dessa discordância esses autores veem a mulher como uma entidade puramente doméstica, seu universo restrito ao interior do lar. Insistem na preponderância de um patriarcalismo exacerbado, onde a mulher não tinha nem a força, nem os meios de lutar contra o papel que lhe foi imposto, de dependente. Entretanto, o que as fontes documentais do período nos revelam é que as mudanças de mentalidades e de comportamento já estavam encontrando ressonância junto às mineiras, que de formas variadas iam conquistando seus espaços no lar, na família e no mundo.

49. O Itacolomy, 20/02/1889.

50. BINZER, 1982:71.

7 TRABALHO

Dissemos acima que discordamos da corrente de pensamento que enxerga a mulher livre vivendo dedicada ao ócio e completamente submissa ao homem. Nessa seção procuramos mostrar uma série de evidências que sustentam nossa hipótese.

Não foram apenas os trajes sociais que chamaram a atenção dos viajantes. Muitos deles salientaram a simplicidade com que as mulheres se vestiam em casa.

"Acompanhei Miss Pennel numa série de visitas aos seus amigos portugueses. Como não é costume deles visitar ou serem visitados na parte da manhã, não era lá muito elegante levar uma estrangeira para vê-los. Mas minha curiosidade, ao menos, foi bem paga. (...). Quando apareciam [as mulheres] dificilmente poder-se-ia acreditar que a metade delas eram senhoras de sociedade. Como não usam coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado, logo após a primeira juventude; e isto é tanto mais repugnante quanto elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços ao pescoço e raramente os vestidos têm qualquer manga"⁵¹.

"A brasileira, nas grandes reuniões ou na rua, é tanto mais o que os ingleses chamam de 'dressing', quanto são primitivas as suas roupas caseiras. Mesmo as senhoras mais distintas andam em casa com as tranças soltas, saias de chita sem cintos e largos paletós"⁵².

Note-se que Maria Graham esteve no Brasil no início do século (1821/1822), enquanto que a estadia de Ina Von Binzer se deu exatamente no final do mesmo (1881/1883). Sessenta anos transcorridos entre uma viagem e outra, e seus comentários têm o mesmo teor.

Ainda que os homens não pudessem penetrar a intimidade feminina, também deixaram registrada a singeleza da vestimenta cotidiana⁵³.

Essa distinção entre os dois vestuários encontra em Lepovetsky uma explicação. O papel social das roupas pode ser explicado a partir dos valores de classe daqueles que as vestem. Ou seja, não residia apenas na suntuosidade a demarcação das barreiras e distâncias sociais entre a nobreza e a plebe européias nos primórdios do período moderno. Tendo no ócio um valor as vestimentas nobres refletiam serem desnecessários os movimentos corporais. Já as roupas da burguesia espelhavam o valor trabalho enquanto móvel de riqueza e ascensão social, sendo portanto, mais largas e mais leves⁵⁴.

51. GRAHAM, 1956:148.

52. BINZER, 1982:87.

53. SAINT-HILAIRE, 1819:59.

54. LIPOVETSKY, 1989:26-77.

Esse costume de se ter um vestuário específico para dentro de casa estava relacionado ao fato de que o trabalho não era desconhecido pelas mulheres no século XIX. Suas vidas eram marcadas por tarefas domésticas que se iniciavam na infância e perduravam até a velhice.

Além das descrições dos viajantes o diário de Helena Morley revela um cotidiano de labuta intensa. Datado no final do século, quando a escravidão já havia sido extinta, o livro retrata uma família de elite, mas empobrecida, onde todos seus componentes participavam ativamente da luta pela sobrevivência. Lavar e passar roupa, costurar, bordar, cuidar da horta e das pequenas criações, cozinhar, preparar quitandas, vender ovos e mesmo tentar montar um pequeno comércio visando aumentar o orçamento familiar, eram preocupações constantes da mãe que se viu responsável por um domicílio, enquanto seu marido procurava a fortuna na mineração de diamantes. Entretanto a autora deixa claro que todo esse trabalho era feito às escondidas. A roupa era lavada de madrugada, as quitandas eram vendidas por moleques, o comércio era administrado por pessoa não pertencente à família⁵⁵.

Persistia o estigma "trabalho é coisa de negro", relatado por Mawe no início do século:

"(...) Depois do jantar, cobriram a mesa de doces saborosos. Solicitado a erguer um brinde à dona de casa, elogiei suas perfeitas virtudes e disse-lhe que sem dúvida os frutos tinham sido preparados sob sua direção imediata; ela assegurou-me o contrário, acrescentando que sua negra era encarregada de todas as espécies de trabalhos domésticos. Percebi ou imaginei que se tinha zangado com a minha observação (...) "⁵⁶.

Muitas mulheres não se ocupavam apenas com a administração do lar e a educação dos filhos.

Após a morte de seu marido em 1871, D. Januária Francisca Pinto de Carvalho anunciava no jornal ouropretano "Noticiador de Minas" que continuava "em sua casa e oficina de encadernação de seu finado marido"⁵⁷. Como D. Januária, era comum mulheres que herdavam propriedades de seus respectivos maridos, e que continuavam a tocá-las.

Na relação de todas as lavras de ouro existentes em Minas Gerais em 1814, Eschwege enumera 57 proprietárias num total de 555 lavras⁵⁸.

O duro ofício de fazendeiras também era exercido pelas mulheres.

55. MORLEY, 1942.

56. MAWE, 1922:20.

57. Noticiador de Minas, 10/08/1871.

58. ESCHWEGE, 1972:20-49.

"A fazenda de D. Tomásia, onde parei, tinha o nome de sua proprietária. (...) D. Tomásia e sua filha vieram visitar-me no meu miserável alojamento: disseram-me que as terras da região eram de muito boa qualidade e próprias para todo tipo de cultura"⁵⁹.

Em frente, a Estalagem, uma grande fazenda, leva a Mina de Santa Rita, de propriedade de D. Florisbela da Horta, viúva, que explorou sua propriedade com a energia dos brasileiros dos tempos antigos"⁶⁰.

Algumas das atividades exercidas por mulheres eram uma extensão daquelas que compunham seu próprio cotidiano e bagagem educacional. Eram tarefas desempenhadas no lar. Lavadeiras, babás, lenhadeiras, costureiras, produtoras de laticínios, e por que não, até as prostitutas tinham em comum o fato de que seu trabalho estava fundamentado em conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas, em casa, ou com o casamento.

No caso da indústria doméstica a participação da mão-de-obra feminina era fundamental. A fiação e a tecelagem, a confecção de rendas, doces, manteiga e queijos encontrava nas mãos femininas o lugar ideal. As narrativas dos viajantes são fartas a esse respeito, o que certamente correspondia à realidade cotidiana das populações visitadas.

Mulheres, todas com aspecto de caboclas, carregando lenha, cruzaram conosco, ao passarmos pela Cruz das Almas que se ergue em um montão de pedras"⁶¹.

"(...) A principal utilidade do gado leiteiro é, presentemente produzir queijo, que é exportado para a Capital do Império. (...); as mulheres e as crianças de uma família fazem, facilmente, de meia a uma dúzia de queijos por dia, e os vendedores às vezes arrecadam 200 de uma única fazenda"⁶².

"A mulher do proprietário de Jacuí tecia com o fio que fabricava. Desse modo, o algodão que esse homem colhia era separado das sementes, cardado, fiado, tecido sem sair de casa"⁶³.

59. SAINT-HILAIRE, 1975:98.

60. BURTON, 1976:171.

61. BURTON, 1976:79.

62. BURTON, 1976:93.

63. SAINT-HILAIRE, 1975:119.

Grande parte das mulheres que viviam nas zonas urbanas possuíam apenas a propriedade de seu corpo. A prostituição foi, desde os tempos da colônia, uma profissão bastante comum em Minas Gerais. A mineração e seus movimentos migratórios erigiam, quase do dia para noite, arraiais que atraíam não apenas o aventureiro à procura de fortuna, como também um contingente expressivo de mulheres que se ocupavam de atividades lúbricas.

A profissão de prostituta não deve ser desprezada. Citadas pelos viajantes como escandalosamente imorais as mulheres de "má-vida" exerciam um papel tão fundamental na sociedade patriarcalista provincial que delas se ocupavam os políticos. Na Fala dirigida à Assembléia Legislativa em 1844 pelo Presidente Francisco José de Souza Soares d'Andrea buscava-se uma forma de tornar a prostituição uma instituição mais segura para aqueles que usufruíam os prazeres proibidos.

"É um mal sentido em quase todos os países, e talvez mais nos que se ostentam de civilizados, a liberdade ilimitada à prostituição e ao deboche. As mulheres públicas são toleradas por todos os governos, e não entrarei na crítica destes fatos, porque enfim muita gente de bom juízo reconhece a necessidade de as tolerar visto haver tanto homem que professa, ou teima em não ter mulher própria; mas direi simplesmente que todas elas devem estar sujeitas ao domínio das leis e das autoridades. Do deboche, da prostituição e da poligamia vaga destas mulheres, resultam moléstias graves que arruinam a mocidade, e tem levado a sepultura muitas vítimas que aliás poderiam tornar-se cidadãos prestantes. É indispensável pois que a polícia tenha ação direta sobre essas mulheres, que as faça examinar convenientemente, e recolher a uma casa ou hospital, em que se curem e trabalhem para ajudar a sua subsistência enquanto os facultativos as não julgarem livres do contágio. Se essa medida vos parece justa e necessária, decretareis para a sua execução os meios que julgardes suficientes".

É preciso também lembrar que algumas atividades mesclavam-se com outras dada a própria natureza do trabalho feminino. Exercendo suas funções dentro de casa, uma mulher podia ser fazendeira, produtora de laticínios e fiadeira. Nada impedia que uma parteira fosse também quitandeira e assim sucessivamente.

De profissões mais intelectualizadas também se ocupavam algumas mulheres. Escritoras, poetisas e atrizes compareciam com bastante frequência nas páginas dos jornais, fosse através de versos ou prosa, ou de anúncios de peças teatrais. No que tange a essas últimas há uma curiosidade a ser ressaltada. Quando as companhias teatrais eram de fora da província ou melhor, tinham atrizes vindas da Corte ou do exterior, a elas era conferido o tratamento de profissionais. Quando eram da própria localidade onde estavam se apresentando, eram tratadas como amadoras. Essa distinção de tratamento revela ou um preconceito por parte da sociedade local com relação a essa profissão, ou poderia estar associada à fragilidade e incompetência cênica das atrizes locais. De qualquer forma, amadoras ou profissionais, essas mulheres desempenhavam uma atividade que requeria delas um mínimo de instrução escolar possível, para que pudessem ter acesso aos textos interpretados.

A profissão de professora era, aparentemente, a mais requisitada. Os jornais estavam repletos de nomeações e exonerações de professoras públicas, anúncios de colégios para meninas regidos por diretoras, anúncios de aulas dadas em casa por normalistas e listas de graduadas nas escolas normais. O material é tão vasto que requer outra pesquisa, mas fica aqui o registro desse avanço feminino ao trabalho.

Fica aqui também registrada uma interrogação: não se fala em classes sociais no Brasil escravocrata, mas os jornais, e os relatos de Edésia Rabello e Helena Morley deixam entrever que nos centros urbanos vivia uma população que ou pertencia a elite política e econômica e se encontrava empobrecida, ou pertencia a classe de funcionários públicos e comerciantes. Essas pessoas não faziam parte das camadas altas ou baixas. Situavam-se num patamar intermediário em que precisavam trabalhar para viver, mas o trabalho tinha que ter conotações absolutamente diversas do trabalho escravo. Até que ponto a profissão de professora possibilitou e contribuiu para a formação da classe média no Brasil antes que o avanço da industrialização viesse formar a sociedade de classes brasileiras?

Não só as professoras faziam parte dessa camada média. Encontramos anúncios de jornais em que mulheres são proprietárias de ateliers de costura, ou seja, mulheres que viviam de seu trabalho. Entretanto, essas mulheres aparecem com nomes estrangeiros (Mme. Adelle, por exemplo). Eram mesmo estrangeiras, ou utilizavam este estratagema para conseguirem clientela?

Encontramos também mulheres comerciantes, proprietárias de jornais, e donas de pensionatos e hospedarias.

Além disso as comerciantes fixaram residência nos centros urbanos mais desenvolvidos da província como Ouro Preto, Diamantina, São João D'El Rei, Campanha, etc., onde, a exemplo do que vinha ocorrendo na Corte, começava a tomar forma o estrato médio da população.

O trabalho dessas mulheres não pode ser considerado trabalho braçal; mas também não é o tipo de trabalho a que se dedicariam as senhoras da alta roda, principalmente porque a ele estava vinculado algo que ainda fazia corar de vergonha as moças: o salário.

Esse trecho de Machado de Assis reflete o drama do período:

"(...) Guiomar manifestara então desejo de ser professora.

- Não há outro recurso, disse ela à baronesa quando lhe confiou esta aspiração.
- Como assim? perguntou a madrinha.
- Não há, repetiu Guiomar. Não duvido nem posso negar o amor que a senhora me tem; mas a cada qual cabe uma obrigação, que se deve cumprir. A minha é ... é ganhar o pão.

Estas últimas palavras passaram-lhe pelos lábios com que à força. O rubor subiu-lhe às faces; dissera-se que a alma cobria o rosto de vergonha"⁶⁴.

64. MACHADO DE ASSIS, 1981:33.

Em contraste com essas vendedoras da força de trabalho outras mulheres anunciavam a venda de imóveis e escravos ou a fuga de cativos de sua propriedade. Em alguns anúncios fica óbvio que eram fazendeiras, ou seja, exerciam uma atividade que supostamente deveria estar restrita ao sexo masculino. Em outros podemos apenas inferir que eram proprietárias de escravos, mas não sabemos como exploravam a mão-de-obra escrava. No entanto o simples fato de possuírem escravos as colocava numa camada superior àquelas mulheres que trabalhavam para seu sustento.

Outro grupamento de anúncios se refere ao serviço doméstico: amas de leite, cozinheiras, lavadeiras, engomadeiras, etc. A característica marcante desse grupo é a exigência das condições de mulher e escrava para esse tipo de trabalho.

Dois anúncios nos chamaram atenção. O primeiro dizia respeito a montagem de uma fábrica de tecidos em Alfenas que utilizava "trabalhadores nacionais, homens, mulheres e crianças"⁶⁵. O segundo procurava operárias têxteis: "Precisa-se mulheres e crianças para serviço nos teares. Paga-se bons salários"⁶⁶. São os primeiros indícios, encontrados nos jornais, do processo de industrialização e da formação de uma classe operária feminina em Minas Gerais.

A participação feminina na gerência da casa não se limitava aos trabalhos na cozinha, máquina de costura ou com os filhos. Maria Graham nos narra a iniciativa de uma senhora, cuja casa estava prestes a ser saqueada, e suas engenhosas providências no sentido de resguardar seu patrimônio.

"(...) Encontramo-la (a viscondessa do Rio Seco) em vestidos caseiros brasileiros e com ar ansioso e fatigado. Ficara no teatro até o príncipe sair, na última noite, correria então para casa para providenciar quanto a segurança da família e quanto as jóias. Despachara a família para a fazenda, na roça. Quanto às jóias empacotou-as em pequenos embrulhos, pretendendo fugir com elas ao nosso encontro, disfarçada ela própria, em caso de ataque sério a cidade. Havia deixado ainda muita prataria à vista em diversas partes da casa para entreter os soldados na primeira investida"⁶⁷.

A iniciativa da viscondessa, bem como a lógica de seu plano demonstram que antes de ser uma mulher alheia e incompetente na resolução de problemas referentes à sua casa, família e bens materiais, ela assumira o controle da situação, na ausência de seu marido, com desenvoltura e inteligência.

65. A Actualidade, 22/06/1878.

66. A Derrocada, 06/08/1893.

67. GRAHAM, 1956:204.

Gostaríamos de salientar ainda uma das formas como se manifestava essa autonomia feminina. Trata-se de estudo de artigos que foram encontrados nos jornais levantados e reunidos num grupamento que mostra que, não obstante todas as dificuldades de acesso aos códigos do universo masculino, as mulheres não eram tão ignorantes ou tão afastadas do mundo como querem alguns autores. São basicamente, viúvas e mulheres desquitadas protegendo-se contra dívidas ou acordos firmados pelos ex-maridos. No caso das viúvas concedendo um prazo para que os negócios dos falecidos fossem quitados diretamente com elas; no caso das desquitadas precavendo-se contra qualquer negociação que o ex-marido por ventura tentasse fazer com os seus (delas) bens.

Nada nos impede de pensar que essas mulheres estivessem assessoradas por algum advogado (que necessariamente seria homem, uma vez que era negada às mulheres a instrução superior). Mas isso não lhes tira o mérito de saber ser indispensável esse procedimento e joga por terra o mito da ingenuidade e fragilidade feminina no que diz respeito às questões jurídico-econômicas. Pode-se alegar também que essas mulheres viveram uma experiência excepcional. De hora para outra se viram às voltas com uma nova posição, a de chefe de família, tendo que exercer todas as atividades inerentes ao universo masculino. Bem ou mal, elas se achavam capacitadas para assumir esse papel. De onde tiravam esse conhecimento se sua vida se restringia aos mistérios domésticos? Parece-nos que a ideologia senhorial prevaleceu na mente dos estudiosos, como prevalecia na óptica do chefe de família dos oitocentos. Se suas ordens estavam sendo cumpridas, logo a hierarquia de poder estava preservada. Como enxergar as relações que se estabeleciam entre seus dependentes possibilitando uma série de conhecimentos e trazendo o germe da mudança social?

O poema intitulado "Choro de Viúva" publicado no jornal o Pharol, em 09 de abril de 1870, reflete bem o pensamento do homem a respeito da mulher:

"Chorava a triste viúva
A morte do companheiro
Tinha deixado dinheiro
Era forçoso casar.

Veio outro que era pobre;
estava desamparada;
mulher só não vale nada,
foi-lhe preciso casar.

Gastou-lhe tudo e morreu
chorava a pobre inda mais;
a que sofre perdas tais,
nunca passa sem casar.

Um terceiro se apresenta;
casou por necessidade;
quem vai entrando na idade
deve, p'ra amparo casar.

Ora se este inda morresse
de certo havia chorar,
que a mulher vive chorando,
e chorando por casar".

Assim estava traduzida nesta poesia uma visão e expectativa sobre o papel do homem na vida da mulher. Essa poesia retrata uma corrente de pensamento da época com relação ao papel do homem, ao casamento, mas acima de tudo, uma incapacidade da mulher de gerir sua própria vida e bens materiais.

Confronte-se este poema com a ação enérgica de D. Maria Feliciano em anúncio publicado no Diário de Minas em 12 de julho de 1867.

"D. Maria Feliciano de Jesus protesta um acordo condicional realizado entre seu recém-falecido marido e o Sr. Antônio de Souza Motta, que envolvia um seu casal de escravos. E solicita a presença do Sr. Motta para a resolução de qualquer pendenga, uma vez que poderá resolvê-la".

D. Maria Feliciano não nos parece disposta a entregar seus bens tão facilmente quanto o poema pretende. Nem tão pouco parece precisar da presença de um homem para resolver seus negócios.

Nessa seção procuramos mostrar aspectos da vida cotidiana das mulheres na província de Minas, baseando-se nos relatos dos viajantes e nas notícias dos jornais.

Nossa preocupação foi retratar a mulher inserida no papel social que lhe era imposto, seu comportamento em relação à família e ao mundo que a cercava.

Longe de encontrarmos um sexo frágil, dócil e inteiramente submisso à vontade patriarcal, a literatura estudada nos revelou uma luta velada, mas constante, contra a prevalência de uma cultura com valores dicotômicos - dominação/subordinação - tanto dentro dos próprios lares quanto no mundo exterior.

A inutilidade da mulher fica prejudicada quando verificamos que a figura feminina, sempre tão escondida, era indispensável para o funcionamento de uma casa, fosse ela a sede de uma indústria doméstica, fosse simplesmente a sobrevivência da família.

A ignorância completa sobre os assuntos mundanos é desmascarada. As mulheres eram tão capazes de namorar como de impetrar ações legais contra os homens.

O trabalho braçal e intelectual não lhes era desconhecido. É verdade que o trabalho braçal era realizado às escondidas, no caso das classes mais favorecidas. Isso se justifica pelo tipo de sociedade escravocrata em que viviam. O trabalho intelectual, desde que recatadamente revestido na profissão de professora, começava a ser enaltecido. Haja visto D. Senhorinha, uma das pioneiras do feminismo mineiro, que se escondia atrás de seus conhecimentos de mestra para lançar vigorosos apelos pró-emancipação feminina.

Mulheres haviam também exercendo atividades viris como fazendeiras e comerciantes.

Serão apenas exemplos isolados, exceções em meio a regra geral? Isso é o que veremos a seguir, quando procederemos à análise dos dados censitários.

8 OS DADOS CENSITÁRIOS - PANORAMA DA REGIÃO ESTUDADA

Antes de apresentarmos os dados censitários pretendemos esboçar as condições econômicas e sociais vigentes durante o século XIX nas povoações selecionadas para estudo. Como não se trata de detalhar cada situação as fontes utilizadas foram os relatos dos viajantes, os relatórios dos presidentes da província e algumas corografias.

Escolhemos estudar alguns distritos situados na região mais populosa da província, que compreendia, em terminologia atual, a Zona Metalúrgica, a Zona da Mata e o Campo das Vertentes. Para efeito desse trabalho foram divididos em três regiões como se segue:

- 1) Região de Ouro Preto - compreende quatro distritos vizinhos da capital: Cachoeira do Campo, Casa Branca, São Bartolomeu e São José do Paraopeba.
- 2) Região de Campanha - compreende quatro distritos, inclusive o distrito da vila: Santo Antônio do Vale da Piedade de Campanha, Espírito Santo da Mutuca, Três Corações de Jesus, Maria e José do Rio Verde e Santa Catarina.
- 3) Região de São João del Rei - compreende cinco distritos: Conceição de Carrancas, São Miguel do Cajuru, Madre de Deus, Piedade do Rio Grande e Bom Jardim.

É preciso deixar bem claro que não estamos vinculando os distritos aos municípios durante todo o século XIX. Trata-se tão somente de uma divisão operacional. Conhecemos bem a inconstância da política de divisão administrativa durante o período provincial. Sabemos também, que estamos correndo perigo de compararmos áreas geográficas diferentes, dada a dificuldade de se delimitar geograficamente cada distrito⁶⁸. Tentando minimizar esse risco resolvemos analisar cada região no seu conjunto, evitando, sempre que possível, a individualização dos distritos.

68. Os limites geográficos durante o século XIX eram, freqüentemente fixados da seguinte forma: a sesmária de Joaquim José de Leme Júnior fica localizada "no sertão do Rio Doce, acima da Cachoeira do Leopoldo", ver Arquivo Público Mineiro, S.P., p.78.

Uma panorâmica da região de Ouro Preto permite delinear um espaço onde a agricultura e a pecuária eram atividades voltadas para a subsistência cujo pequeno excedente, geralmente na forma de frutas, hortaliças e carne verde, era enviado para a capital da Província. A exceção era representada pela fábrica de marmelada existente no distrito de São Bartolomeu. Esse doce, muito afamado, era considerado como um produto de exportação e transportado em caixetas até mesmo para a Corte. As outras fábricas, como os engenhos de açúcar e aguardente e aqueles que produziam farinhas de milho e mandioca, não bastavam para suprir as necessidades do consumo local. A mineração reduzia-se à prática da garimpagem.

Todavia, John Luccock admite que o "o povo desta região acha-se alguns passos à frente de seus conterrâneos no que tange à indústria. Fiam e tecem lã e algodão; suas manufaturas são, porém, puramente de ordem doméstica"⁶⁹.

As fábricas de ferro, pólvora e louça, assim como as atividades comerciais intensas registradas pelos viajantes situavam-se no distrito da Vila de Ouro Preto, escapando, portanto, aos limites geográficos impostos nesse estudo.

A região de Campanha era, segundo a Fala do Presidente da Província Quintiliano José da Silva em 1846" (...) uma das que eu considero achar-se em estado de crescente prosperidade (...)". A agricultura e a pecuária eram atividades importantes o suficiente para que parte de sua produção fosse destinada à exportação. O fumo, tanto em folha como manufaturado, os derivados da cana de açúcar e o gado eram os principais produtos comercializados intra e extra - provincialmente. A exploração de minas de ouro e pedras preciosas substituiu durante todo o século XIX e, de acordo com a literatura consultada, existiam algumas minas de "prodigiosa riqueza". Fábricas de fundição de metais, de máquinas de relógios, e de picar fumo, além de uma próspera indústria vinícola faziam o orgulho dos habitantes de Campanha. A fiação e a tecelagem do algodão que são mencionadas pelos cronistas até a metade do século, desapareceram como ramo importante da produção.

Dentre as regiões selecionadas nesse estudo Campanha é a única em que a vila ou seja, o ponto central do município para onde convergia o comércio, onde a instrução e as relações sociais se exerciam com maior intensidade, é parte integrante da análise. Isso pode provocar certo viés nos dados. Entretanto, é impossível abandonar a localidade onde surgiu o primeiro semanário dirigido e redigido por mulheres em Minas Gerais. Principalmente quando esse órgão da imprensa - O Sexo Feminino - constituiu-se em uma de nossas fontes primordiais de trabalho. Fica a interrogação: foram as condições de vida da vila de Campanha que propiciaram o surgimento desse jornal; foi a iniciativa de uma mulher que permitiu sua criação; ou foi a conjunção de vários fatores?

69. LUCCOCK, 1975:337.

A vila de São João D'El Rei era considerada durante o século XIX, como um dos entrepostos comerciais mais importantes da Província. É de se esperar, portanto, que em torno desse centro aglutinador se localizassem distritos cuja produção fosse suficiente para gerar excedentes destinados à exportação. E, na verdade, a literatura nos fornece a visão de uma terra farta, onde a agricultura e a pecuária estavam em progresso constante, e até mesmo a fiação e a tecelagem, embora insuficientes para o consumo local, cada vez se tornavam mais aperfeiçoadas.

"Cereais e tubérculos são cultivados por toda parte (...). Os altos e saudáveis campos tornaram a criação de gado a atividade favorecida (...) e o mesmo pode-se dizer dos porcos, que fornecem os apreciados lombo e toucinho. Os queijos são também exportados. Há grandes extensões de terrenos baixos admiravelmente aproveitáveis para a cultura do algodão (...). As plantações de cana de açúcar fornecem cachaça e vinagre, com um pequeno excedente para comercialização. Em 1859, o município tinha 48 engenhos (...). Panos de algodão e lã (...) são feitos a mão (...); são resistentes e duram muito mais que os tecidos em máquina (...) [mas] a produção mal satisfaz o consumo local (...)”⁷⁰.

A mineração achava-se em decadência: "somente a gente pobre continua a lavar o pó de ouro do cascalho dos córregos e a casa de fundição de ouro é principalmente alimentada por São José e Campanha"⁷¹.

9 OS DADOS CENSITÁRIOS

Utilizamos nesse trabalho as listas de população referentes aos anos 1831-32 e 1838-40 e o Recenseamento de 1872.

As listas de população são relações nominais, organizadas por fogos (unidades familiares) e contém, além do nome do indivíduo, sua raça, sexo, estado civil, condição livre ou escrava e ocupação.

Passaremos agora à apresentação dos dados relativos às regiões estudadas. Na Tabela I procuramos mostrar a distribuição de escravos por fogo durante a quarta década do século XIX.

70. BURTON, 1976:121-130.

71. SPIX e MARTIUS, 1981:194.

TABELA I

OURO PRETO, CAMPANHA E SÃO JOÃO D'EL REI, 1831-1838
DISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE DE ESCRAVOS

ESCRAVOS POR FOGOS	OURO PRETO				CAMPANHA				SÃO JOÃO D'EL REI			
	1831		1838		1831		1838		1831		1838	
	Nº de fogos	%	Nº de fogos	%	Nº de fogos	%	Nº de fogos	%	Nº de fogos	%	Nº de fogos	%
0	412	65.9	626	71.6	1.180	65.9	1.049	67.4	313	52.2	431	60.0
1 - 4	134	21.4	170	19.4	346	19.3	261	16.8	186	31.0	144	20.1
5 - 9	53	8.5	47	5.4	137	7.6	134	8.6	49	8.2	67	9.3
10 - 19	18	2.9	22	2.5	90	5.0	81	5.2	35	5.8	43	6.0
20 - 29	7	1.1	7	0.8	22	1.2	18	1.2	9	1.5	13	1.8
30 e +	1	0.2	3	0.3	17	1.0	13	0.8	8	1.3	20	2.8
TOTAL	625	100.0	875	100.0	1.792	100.0	1.556	100.0	600	100.0	718	100.0

FONTE: Dados fornecidos por PAIVA, Clotilde: "População de Minas Gerais no século XIX".

Para os anos de 1830-40, o primeiro dado que nos chama a atenção é o aumento no número de fogos nos termos de Ouro Preto e São João D'El Rei, e sua diminuição em Campanha. Examinando os distritos individualmente pudemos observar que o distrito da Vila de Campanha tinha em 1831, 866 fogos, passando a 492, em 1838. É possível que durante esse período mudanças geo-administrativas tenham ocorrido e que o distrito tenha sido dividido, o que teria ocasionado essa diminuição dos fogos. No entanto, e a despeito dessa possível mudança, o que nos interessa é mostrar que, grosso modo, a proporção de domicílios sem escravos permaneceu relativamente estável durante essa década. Infelizmente não dispomos desse tipo de dados para outros períodos do século XIX, o que nos impossibilitou verificar se essa proporcionalidade permaneceu durante os oitocentos. Ou ainda, se existiu um aumento de fogos com escravos, e se houve concentração de fogos com escravos em plantéis médios, grandes ou pequenos.

Quando se observa o plantel por domicílios nesses dois anos disponíveis, notamos que há crescimento de 1 ponto percentual nos domicílios que possuíam de 5 a 9 escravos em Campanha e São João D'El Rei e de 1.5 pontos percentuais em São João D'El Rei nos domicílios com mais de 31 escravos. Nas demais faixas o plantel decresce ou permanece estável.

Tais informações não poderiam deixar de suscitar especulações acerca do perfil e comportamento da escravidão nesse período. Teria ocorrido durante o século XIX uma tendência à concentração de escravos em plantéis maiores? Considerando-se que uma das formas de se avaliar o poder econômico dos oitocentos se dava através do número de escravos de cada proprietário, será que teria havido um crescimento de camadas médias, formadas por aqueles proprietários, cujos plantéis giravam em torno de 5 a 9 escravos, ao mesmo tempo em que crescia uma camada da população que não possuía um só escravo? Teria essa tendência acentuado-se ao longo do século ou não? Vale sempre enfatizar que essas são suposições que podem ser levantadas a partir dos dados analisados, e que neste trabalho não pretendem ir além da condição de hipóteses. Os dados disponíveis não nos fornecem material suficiente para a verificação de tendências. Eles nos instigam e induzem a procurar conhecimento cada vez mais profundo do tema, assim como a desenvolver maior número de pesquisas que possam fornecer maiores esclarecimentos sobre a Província.

Como já dissemos o número de fogos sem escravos era expressivo. Em todos os termos analisados eles correspondem a mais de 50% do total. Tal dado possibilita-nos entrever um retrato do cotidiano das famílias mineiras dos oitocentos. Ou seja, a de que um número significativo de unidades familiares desempenhavam as atividades de seu cotidiano (tanto as dos homens como as das mulheres) não dispoem de escravo algum. O trabalho braçal, nesse sentido, estava muito presente na vida da maioria da população. O índice expressivo de fogos com 1 a 4 escravos vem corroborar esse retrato. Se possuir escravos era sinônimo de status sócio-econômico, essa faixa cumpria minimamente esse requisito, de sorte que, também nela o trabalho devia envolver toda a família. Os afazeres domésticos eram de tal grandeza que 4 escravos, mesmo estando em total disposição da senhora (o que certamente não acontecia) e tomando tal situação hipotética apenas para centros urbanos, ainda assim, não seriam suficientes para levá-la ao ócio. Ainda que os escravos dessem conta do trabalho, eles só o fariam sob

organização e comando oriundos da dona da casa. Além disso, tal situação é simplesmente impensável para o meio rural, onde haviam trabalhos na roça, com a criação, produção de gêneros, etc.

É possível, entretanto, que houvessem mulheres cujo envolvimento com o trabalho braçal fosse mais tênue (donde inclusive teriam originado comentários de alguns viajantes sobre o ócio feminino) mas é de se esperar que elas estivessem na faixa dos fogos com mais de 31 escravos, o que vale dizer, aproximadamente 1% do total. Como o que nos interessa aqui é traçar um retrato da Província, temos de tomar em consideração que a maioria das mulheres estavam nos fogos com nenhum ou poucos escravos.

As tabelas II, III, IV mostram as ocupações da população nos mesmos termos acima referidos mas já incluído o censo de 1872.

Na construção das tabelas privilegiamos as informações referentes a sexo, condição e ocupação. As ocupações foram aglutinadas em nove grupos, quais sejam:

- Agricultura e Pecuária: engloba todas as ocupações relativas à lavoura e à criação de gado, desde um grande proprietário de terras e escravos até um peão.
- Indústria e Comércio: compreende todos os indivíduos que exercem algum tipo de atividade comercial e industrial. Exemplos: negociantes, tropeiros, estalajadeiros, carvoeiros, etc.
- Fiação e Tecelagem: ocupações quase que exclusivamente femininas: fiadeiras e tecedeiras.
- Serviço Doméstico: engloba aquelas ocupações restritas ao ambiente domiciliar: cozinheiras, pagens, mucamas, etc.
- Alfaiates e Costureiras: todas as ocupações referentes à confecção do vestuário: alfaiates, rendeiras, costureiras, chapeleiros, bordadeiras, etc.
- Profissionais Liberais: esse grupo compreende tanto aqueles profissionais que têm curso superior, como advogados e médicos, quanto indivíduos que exercem algum tipo de ocupação que requer trabalho intelectual como por exemplo: estudantes, cléricos, escrivãos, mestres de primeiras letras, etc. Esse grupamento considera também curandeiros e parteiras, o que justifica a inclusão de escravos como profissionais liberais.
- Profissões manuais e mecânicas: inclui todas as ocupações especializadas que exigem trabalho braçal.
- Outras: engloba aquelas ocupações cuja frequência é inferior a 1%.
- Sem Ocupação: neste grupo estão englobados tanto os indivíduos que declararam que não são trabalhadores, quanto aqueles que não declararam ocupação.

TABELA II

TERMO DE OURO PRETO

DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL DA POPULAÇÃO SEGUNDO SEXO E CONDIÇÃO

1831, 1838 E 1872

	1831				1838				1872			
	Livres		Escravos		Livres		Escravos		Livres		Escravos	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Agricultura e Pecuária	20.34	3.61	47.64	2.04	21.66	7.64	27.23	9.95	43.98	8.12	60.22	29.46
Indústria e Comércio	11.73	1.16	6.63	0.45	10.45	1.24	2.40	1.21	2.38	0.04	-	-
Fiação e Tecelagem	0.36	47.70	0.14	30.83	0.10	11.91	-	8.94	1.28	12.76	3.83	6.36
Serviço Doméstico	0.07	1.35	1.76	25.85	0.16	0.39	0.13	4.06	26.02	24.22	10.90	30.16
Alfaiates e Costureiras	1.59	9.42	1.32	6.80	1.23	2.08	-	1.01	0.71	26.66	0.15	8.45
Profissionais Liberais	6.44	0.58	0.14	-	5.79	0.54	-	-	0.36	0.09	-	-
Profissionais Manuais e Mecânicas	16.43	3.35	14.30	4.76	10.24	0.29	3.07	-	4.13	-	1.50	-
Outras	10.78	0.32	1.91	0.22	11.31	29.79	0.40	-	0.87	0.07	-	-
Sem Ocupação	32.22	32.47	26.10	29.02	39.03	72.88	66.75	74.79	20.22	28.00	23.38	25.54
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTE: Os dados de 1831 e 1838 foram fornecidos por PAIVA, Clotilde, "População de Minas Gerais no Século XIX.

Os dados de 1872 foram retirados do Recenseamento da População do Império do Brasil (...) 1872.

TABELA III
TERMO DE CAMPANHA
DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL DA POPULAÇÃO SEGUNDO SEXO E CONDIÇÃO
1831, 1838 E 1872

	1831				1838				1872			
	Livres		Escravos		Livres		Escravos		Livres		Escravos	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Agricultura e Pecuária	33.68	4.27	24.89	5.36	51.32	15.56	70.93	38.67	34.08	22.81	32.24	31.03
Indústria e Comércio	3.30	0.66	1.10	0.06	4.29	1.79	0.88	0.68	2.40	0.21	-	-
Fiação e Tecelagem	0.18	22.48	0.12	19.39	1.08	24.24	1.42	12.79	-	1.07	-	0.82
Serviço Doméstico	0.10	0.71	1.92	18.17	0.03	0.50	1.57	12.45	20.83	29.88	-	37.16
Alfaiates e Costureiras	0.64	12.49	1.18	7.43	3.42	31.57	2.75	16.35	0.38	13.72	26.02	4.47
Profissionais Liberais	5.83	1.59	0.06	0.06	7.37	2.44	0.14	0.06	1.64	0.20	3.58	-
Profissionais Manuais e Mecânicas	7.28	0.44	13.45	0.30	5.60	0.58	5.36	0.13	3.55	-	0.09	-
Outras	7.00	0.17	3.73	2.37	3.67	0.61	3.69	0.20	0.28	0.36	2.44	-
Sem Ocupação	41.95	57.15	53.40	46.82	23.18	22.66	13.29	18.61	36.80	31.70	35.59	26.50
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTE: Os dados de 1831 e 1838 foram fornecidos por PAIVA, Clotilde, "População de Minas Gerais no Século XIX.
Os dados de 1872 foram retirados do Recenseamento da População do Império do Brasil (...) 1872.

TABELA IV
TERMO DE SÃO JOÃO D'EL REI
DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL DA POPULAÇÃO SEGUNDO SEXO E CONDIÇÃO
1831, 1838 E 1872

	1831				1838				1872			
	Livres		Escravos		Livres		Escravos		Livres		Escravos	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Agricultura e Pecuária	14.44	0.83	23.06	0.14	30.38	3.02	23.34	14.65	42.34	13.76	48.95	27.46
Indústria e Comércio	3.36	0.11	0.37	-	4.08	0.27	0.81	-	2.73	-	-	-
Fiação e Tecelagem	0.15	7.30	-	19.29	-	3.15	-	-	0.90	4.02	0.43	1.49
Serviço Doméstico	-	0.11	-	6.62	0.20	2.33	0.20	1.96	17.86	32.35	30.34	38.42
Alfaiates e Costureiras	0.91	10.39	0.46	3.82	1.02	2.40	-	0.49	0.64	17.06	0.07	5.52
Profissionais Liberais	0.51	0.05	0.09	-	3.40	0.13	-	-	0.48	0.09	-	-
Profissionais Manuais e Mecânicas	4.44	0.41	4.76	0.14	6.67	0.13	0.20	-	4.66	-	0.17	-
Outras	6.48	-	0.28	-	3.33	-	-	-	2.57	0.23	-	-
Sem Ocupação	69.67	80.76	70.96	69.95	50.88	88.53	75.42	82.89	27.78	32.45	18.39	27.08
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTE: Os dados de 1831 e 1838 foram fornecidos por PAIVA, Clotilde, "População de Minas Gerais no Século XIX.

Os dados de 1872 foram retirados do Recenseamento da População do Império do Brasil (...) 1872.

O primeiro dado que nos chama a atenção é o alto percentual de indivíduos sem ocupação. Nunca é demais enfatizar que nesse grupo estão incluídos tanto as crianças e os velhos como aqueles indivíduos em idade ativa mas que não declararam suas respectivas ocupações. Embora não possuamos as informações detalhadas do teor do censo de 1872⁷², nas listas de população da década de 1830 fica óbvio que não se deu muita importância ao quesito ocupação. A falta dessa informação já foi bastante discutida por Paiva⁷³ e cabe-nos afirmar nossa concordância com seu argumento de que era impossível que existisse um número tão grande de desocupados na Província, especialmente de escravos. É fato que o declínio econômico das áreas mineradoras, por exemplo, gerou problemas sociais, criando uma leva de mendigos e desocupados, mas nada que fosse dessa dimensão ou que prolongasse por tantos anos. Ademais, como imaginar escravos gozando de sombra e água fresca? Essa mesma linha de argumentação pode ser transposta para as mulheres.

Já mostramos que competiam às mulheres no mínimo as tarefas domésticas. Entretanto, não sabemos se por costume ou preconceito, ou se por um conjunto de tradições culturais, o serviço doméstico não era rotulado como uma ocupação. Mas é interessante observar que já em 1872, seja porque os recenseadores agruparam ocupações variadas sob o título de "serviço doméstico", seja porque os recenseadores assim se intitularam, a porcentagem de mulheres nesse grupamento foi substancialmente maior que nos dois outros anos estudados.

Pode-se levantar a hipótese de que o crescente, ainda que muito tímido, trabalho das mulheres fora do lar, tenha significado um maior número de declarações daquelas que se ocupavam apenas dos serviços domésticos, como uma forma de status. Dito de outra forma, não precisar trabalhar fora do lar (condição que o preconceito ainda atribuía aos desvalidos) significava, em última instância, dispor de uma boa condição financeira familiar e social. Como mais para o fim do século é que as mulheres começaram a buscar outras atividades que não apenas as do lar, é possível que se declarar como de ocupação doméstica significava então, opor-se àquelas que eram trabalhadoras. Essa é apenas uma das possíveis hipóteses que tentam explicar o alto percentual de declarações em serviços domésticos pelas mulheres em 1872.

Especulações a parte, o que essas tabelas nos mostram primeiramente, é que existiam mulheres livres em cada grupamento de ocupações. É perceptível uma concentração na fiação e tecelagem, seguida das costureiras, e uma menor proporção na lavoura e pecuária. Ou seja, mesmo utilizando dados brutos como esses, nota-se que as mulheres com ocupação tinham um espaço na população total. Não há dúvida de que elas se distinguiam nas ocupações manuais de fiadeiras, tecedeiras, costureiras, lavradoras, etc. Seriam esses os ofícios já tradicionalmente ligados ao sexo feminino, não carregados de uma conotação pejorativa mesmo uma sociedade escravista, e por isso mesmo naturalmente declaráveis?

72. O Sr. Hélio Gravatá do Arquivo Público Mineiro possui um formulário original do Censo de 1872, que foi deixado com sua família para preenchimento e nunca resgatado. Até hoje, é a única informação conhecida disponível sobre os procedimentos desse recenseamento.

73. PAIVA e MARTINS, 1986.

No que tange aos profissionais liberais o número de declarações do sexo feminino, como se pode notar, era bastante reduzido. No entanto, é preciso observar que o número de homens nesta ocupação também o era, o que implica na importância que assume a presença das mulheres nesse item.

TABELA V

TERMO DE OURO PRETO
DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL DOS HABITANTES LIVRES (PORCENTAGEM DO TOTAL DE
CADA SEXO COM OCUPAÇÃO DECLARADA)

	1831		1838		1872	
	H	M	H	M	H	M
Agricultura e Pecuária	30.0	5.3	35.5	28.2	55.1	11.3
Indústria e Comércio	17.3	1.7	17.1	4.6	3.0	0.1
Fiação e Tecelagem	0.5	70.6	0.2	43.9	1.6	17.7
Serviço Doméstico	0.1	2.0	0.3	1.5	32.6	33.7
Alfaiates e Costureiras	2.4	14.0	2.0	7.7	0.9	37.0
Profissionais Liberais	9.5	0.9	9.5	2.0	0.5	0.1
Profissionais Manuais e Mecânicas	24.3	5.0	16.8	1.1	5.2	-
Outras	15.9	0.5	18.6	11.1	1.1	0.1
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTE: Veja referência na Tabela II.

TABELA VI

TERMO DE CAMPANHA
DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL DOS HABITANTES LIVRES (PORCENTAGEM DO TOTAL DE CADA SEXO COM OCUPAÇÃO DECLARADA)

	1831		1838		1872	
	H	M	H	M	H	M
Agricultura e Pecuária	58.0	10.0	66.8	20.1	53.9	33.4
Indústria e Comércio	5.7	1.5	5.6	2.3	3.8	0.3
Fiação e Tecelagem	0.3	52.5	1.4	31.4	-	1.6
Serviço Doméstico	0.2	1.7	-	0.6	33.0	43.8
Alfaiates e Costureiras	1.1	29.2	4.5	40.8	0.6	20.1
Profissionais Liberais	10.1	3.7	9.6	3.2	2.6	0.3
Profissionais Manuais e Mecânicas	12.5	1.0	7.3	0.8	5.6	-
Outras	12.1	0.4	4.8	0.8	0.5	0.5
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTE: Veja referência na Tabela III.

TABELA VII

TERMO DE SÃO JOÃO D'EL REI
DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL DOS HABITANTES LIVRES (PORCENTAGEM DO TOTAL DE CADA SEXO COM OCUPAÇÃO DECLARADA)

	1831		1838		1872	
	H	M	H	M	H	M
Agricultura e Pecuária	47.6	4.3	61.9	26.3	58.6	20.4
Indústria e Comércio	11.2	0.6	8.3	2.4	3.8	-
Fiação e Tecelagem	0.5	38.0	-	27.5	1.3	5.9
Serviço Doméstico	-	0.6	0.4	20.4	24.7	47.9
Alfaiates e Costureiras	3.0	54.0	2.1	21.0	0.9	25.3
Profissionais Liberais	1.7	0.3	6.9	1.2	0.7	0.1
Profissionais Manuais e Mecânicas	14.6	2.2	13.6	1.2	6.4	-
Outras	21.4	-	6.8	-	3.6	0.4
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

FONTE: Veja referência na Tabela IV.

Quando retiramos a parcela da população sem ocupação e estudamos apenas a população livre que declarou ocupação, percebemos que há uma divisão do trabalho por sexo. As mulheres se concentravam nos grupamentos fiação e tecelagem, costureiras e, no censo de 1872, serviço doméstico, seguidas das ocupações agrícolas. Quanto aos homens ocupavam-se com a agricultura e pecuária, indústria e comércio, profissões manuais e mecânicas e profissionais liberais. É interessante notar que no censo de 1872 cresce bastante a porcentagem de homens que se dedicam ao serviço doméstico. Quais teriam sido as ocupações agrupadas sob o rótulo "serviço doméstico"? Por que esse crescimento nas declarações tanto femininas como masculinas? Se estivéssemos lidando apenas com zonas urbanas poderíamos especular que cresceu a criadagem livre da casa numa possível imitação das culturas européias, mesmo que aqui ainda resistisse a escravidão. Mas como explicá-lo nas zonas rurais, onde o conservadorismo ainda era o norteador das relações sociais?

A mesma concentração de mulheres nas ocupações acima mencionadas também é observada se tomamos o percentual sobre o total de cada sexo. É interessante notar que a grande maioria delas estavam ocupadas, segundo suas declarações, na fiação e tecelagem, e só no censo de 1872 o número de ocupações no serviço doméstico torna-se significativo, o sendo também para os homens, como já foi mencionado. Essa tabela vem apenas corroborar as demais trabalhadas. Historicamente as profissões que apresentavam uma maior concentração de mulheres nela ocupadas sempre estiveram ligadas ao sexo feminino. E o mesmo, diga-se de passagem, serve para as declaradas pelos homens. Entretanto, é importante que se saliente que, a presença de mulheres em outras atividades e, em especial as de maior concentração masculina, indicam que, embora houvesse uma divisão do trabalho por sexo, ela não era tão fechada que não permitisse o ingresso feminino no universo do trabalho historicamente masculino.

Não podemos desconsiderar na análise dessas tabelas que mudanças na ordem social, política e cultural estavam em pleno acontecimento no curso do século passado. Iniciamo-lo como Colônia, tornamo-nos um Império e findamo-lo como uma República. Éramos escravocratas e, ao seu término não o éramos mais. A cada uma dessas fases de transformações políticas, novos ideários contribuíam para formação de uma nova auto-imagem, condizente com a nova situação político-administrativa. Além disso, os avanços tecnológicos que encurtavam distâncias como os telégrafos, bondes e trens, a proliferação de jornais, etc. inseriam o país num mundo cujas mudanças e mais que isso, a velocidade das mudanças, já havia dado seus sinais de vida. Não há como negar que tais transformações ganharam o espaço das mentalidades, modificando comportamentos, vestuários, as relações interpessoais, etc. O que é importante salientar, entretanto, é que para as mulheres, durante todo o decurso desse século, o mundo do trabalho não lhes foi desconhecido. Transformaram-se sim, suas inserções e possibilidades dentro dele, mas elas sempre fizeram parte de uma engrenagem de um processo no qual seu trabalho representava parte importante para seu funcionamento como um todo, quando não geravam riquezas.

10 CONCLUSÃO

Mas o que vem a ser força de trabalho feminino no século XIX? A história pouco nos informa a respeito da condição feminina no passado. Ao buscar a memória nacional nossa visão fica limitada. É como só existisse um sexo na sociedade. Tudo, desde o trabalho intelectual até o trabalho braçal, era feito por homens. Concedia-se o trabalho às escravas, mas elas não eram gente, eram coisas.

Entretanto o não dito é bastante revelador. Implica em buscar um conceito de trabalho feminino numa sociedade onde a mulher foi condicionada, socializada, educada desde a infância para um determinado tipo de vida, aquele de submissão total ao homem. Enquanto pertencente à camada abastada sua submissão a condenava a uma vida "ociosa"; enquanto pertencente à plebe deveria desempenhar papéis úteis que ajudassem no sustento da família. Em ambos os casos significava que as tarefas domésticas ficavam sob sua direção, fossem elas as de gerir e dar ordens ou as de realmente executá-las. Eram as donas de casa, as rainhas do lar, não eram trabalhadoras.

Vamos imaginar uma dona de casa do século XIX preparando-se para oferecer às visitas do marido um jantar, do qual ela não participaria, composto de lombo de porco e tutu de feijão. Era preciso matar o porco, esquartejá-lo, preparar o restante de sua carne para que não apodrecesse, descascar o feijão, cozinhá-lo e socá-lo, pilar a mandioca para transformá-la em farinha, buscar os ovos nos ninhos das galinhas, colher as folhas de couve na horta, soprar as brasas do fogão e adicionar madeira ou carvão para que o fogo mantivesse a temperatura ideal, etc. Tarefas absolutamente corriqueiras que não significavam trabalho.

Se hoje, com todo o conforto propiciado pela tecnologia, as donas de casa reclamam da quantidade de tarefas que lhes são reservadas, imaginem no século XIX quando nem mesmo água encanada existia. Não era nas fábricas que se fiava e tecia o algodão; não era nas fábricas que se produziam os doces e queijos e nem mesmo o sabão; o arroz e o café não vinham prontos para o preparo; o leite vinha diretamente da vaca e não do saco plástico e não existia um comutador que quando pressionado iluminasse o ambiente. E nós nem mencionamos as funções biológicas restritas ao sexo feminino: gestação, aleitamento e criação dos filhos.

É verdade que existiam escravos para fazer tudo isso. Mas também é verdade, e isso é mais importante, que mais da metade dos domicílios mineiros era constituído apenas por pessoas livres.

E Minas exportava. Não era um volume muito grande, mas exportava. Queijos; doces; colchas, mantas e panos de lã e algodão; farinhas de milho e mandioca; toucinho, tudo isso era produzido em quantidade suficiente para ser levado para outras províncias⁷⁴. É interessante como os dados censitários revelam a porcentagem desprezível de homens que se dedicava a esse tipo de produção. E existem historiadores que insistem na afirmativa de que a mulher não trabalhava.

74. MARTINS e MARTINS, 1982.

Trabalhos recentes têm demonstrado que em Minas era grande o número de domicílios que se dedicavam à fiação e tecelagem doméstica, à produção artesanal de todo o tipo, às pequenas e médias manufaturas⁷⁵. A mulher era parte integrante desses domicílios. Sobreviver no século passado era tarefa árdua. O pão de cada dia tinha que ser ganho literalmente com o suor do rosto. Como conceber alguém, em perfeita saúde, passando o dia refastelado em uma rede, contando os minutos do relógio? Até mesmo os muito ricos, donos de um grande plantel de escravos tinham que, no mínimo, dar ordens e planejar o trabalho dos negros para que pudessem gozar sua riqueza e sua ociosidade. Como conceber, numa sociedade patriarcalista como a dos oitocentos, nos domicílios onde existisse uma figura feminina, o homem imiscuindo-se nas tarefas domésticas, ditando a receita da goiabada?

Entretanto, é preciso distinguir pelo menos dois tipos de trabalho feminino dentro da unidade familiar: o das sinhás e sinhazinhas e o das mulheres do povo. A sinhá, cercada de escravos, só precisava dar ordens, planejar os gastos, verificar os estoques de conservas, zelar para que os filhos fossem bem cuidados e os horários respeitados, desempenhar, enfim, as tarefas cotidianas no lar. A imagem que se nos apresenta é a de uma mulher com as chaves da despensa dependuradas na cintura e o chicote nas mãos. Ela poderia ter seus momentos de lazer, abandonando-se ao cafuné ou a dedilhar um piano, mas a lida com a escravaria e com o dia a dia doméstico impunha-lhe toda aquela série de tarefas que passam despercebidas pelos homens e que nós, mulheres, sabemos perfeitamente o trabalho que dão.

A mulher do povo tinha que meter a mão na massa. Seu cotidiano doméstico compreendia além do cozinhar, arrumar, lavar, passar e cuidar dos filhos, o cuidado com a horta, com as criações e até mesmo o trabalho pesado da lavoura em épocas de plantio e colheita. A necessidade de sobreviver também a compelia a buscar recursos fora do lar, empregando-se como costureira, quitandeira, lavadeira, etc.

Paralelamente a esses dois extremos de trabalho feminino - gerencial e braçal - encontramos indícios de que começava a se formar nos centros urbanos mineiros um grupo de mulheres que procurava garantir seu sustento através do salário. Destacam-se nesse grupo as professoras.

Se nos dados censitários, nos relatos dos viajantes e nas notícias dos jornais encontramos a confirmação do trabalho feminino por que a história alijou essa parcela da população da sua análise?

Adotamos como definição de profissão o conceito de Max Weber: "entende-se por profissão a peculiar especificação, especialização e coordenação que mostram os serviços prestados por uma pessoa, fundamentos para a mesma de uma possibilidade duradoura de subsistência ou de ganhos"⁷⁶. De acordo com essa definição o trabalho feminino que vimos descrevendo no decorrer dessa pesquisa,

75. Ver entre outros, LIBBY, 1988; PAIVA e MARTINS, 1982; MARTINS, 1980; etc.

76. WEBER, 1969:111.

enquadra-se na categoria profissão. Quem tem uma profissão e a exerce faz parte do mercado de trabalho. Quem faz parte do mercado de trabalho interessa às ciências econômica, histórica, demográfica, etc. Por que as mulheres foram esquecidas?

"Meu pai é muito querido na família. Todos gostam dele e dizem que ele é muito bom marido e um homem muito bom. Eu gosto muito disso, mas fico admirada de todo mundo só falar que meu pai é bom marido e nunca ninguém dizer que mamãe é boa mulher. No entanto, no fundo de meu coração eu acho que só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe"⁷⁷.

Esse trecho de Helena Morley, escrito há cerca de cem anos, com a sinceridade atribuída às crianças, nos revela o tipo de ideologia prevalecente em Minas: o patriarcalismo lusitano tradicional.

A colonização do território das minas, feita exclusivamente por portugueses e brasileiros - pois a Coroa impedia a entrada de estrangeiros no reduto de sua riqueza - resultou na preservação dos hábitos dos antepassados vindos do distante Portugal. Compreendendo esse processo é um viajante que nos vai propiciar uma das visões mais acuradas sobre a mineira. A citação é longa, mas merece ser transcrita.

"A mineira vive no sistema de semi-reclusão que atravessou o Atlântico, vindo da Ibéria; esse sistema foi reforçado pelo domínio do Islam que, por seu lado, emprestou algum afrouxamento do exemplo cristão. "Femme file et ne commande pas". Apenas nas famílias mais intruídas, as donas de casa e as filhas se assentam à mesa com um estranho; entre as mais ignorantes, as mulheres se vestem em casa com muito descuido, para que possam participar da recepção aos visitantes sem mudar inteiramente de roupa. Esse estado de coisas faz-me lembrar muito dos cidadãos da Síria, que não trocaram seu velho sistema pela liberdade, ou dizem eles, pela licença da Europa. Os homens protegem suas mulheres de duas maneiras: ou como os orientais, afastando-as da tentação: ou como fizemos, expondo-as livremente, mas com a luz da publicidade voltada inteiramente sobre elas (...). Posso citar, a respeito da mineira o que disse a Condessa Paula von Kollonitz da esposa mexicana: o baluarte de parentes pelo qual a jovem esposa é cercada serve, em grande parte para protegê-la; independente disso, porém, acho-a quase sempre retraída e recatada, chegando mesmo ao puritarismo, quando os estranhos se mostram audaciosos (...)"⁷⁸.

77. MORLEY, 1942:303.

78. BURTON, 1976:334-335.

Em resumo, é o caráter patriarcal da sociedade ibérica transposto para o Brasil, em especial para nossa província. Entretanto, apesar de não duvidarmos da prevalência desse caráter, insistimos que a generalização das descrições de Gilberto Freire sobre o modo de vida das sinhas das casas grandes deve ser adotado com cautela. Nossa tendência é concordar com Antônio Cândido de Mello e Souza quando, ao estudar a formação da família na região centro-sul, observa que a posição da mulher não poderia ser de completa submissão. Não era fácil dirigir uma casa no século XIX. Além disso, o homem (marido) nem sempre estava presente. As viagens eram demoradas e perigosas; era mais fácil morrer. Nessas circunstâncias cabia à mulher tomar decisões e exercer um domínio, se não masculino, com fortes características viris⁷⁹.

O século XIX foi um século em que o Brasil conheceu o mundo exterior. A transferência da Corte Portuguesa, a Independência, a emigração estrangeira, desencadeou a adoção de costumes novos, inicialmente no Rio e nas cidades litorâneas. Através dos relatos dos viajantes e das notícias de jornais podemos perceber, que mudanças também se operaram no interior com o correr do tempo.

Entretanto, é preciso deixar bem claro que estamos lidando com uma pequena parcela da população feminina (a masculina) quando falamos em mudança. O que ficou registrado para a posterioridade foi feito por pessoas que possuíam nível intelectual acima da média. As mulheres no mínimo sabiam ler e escrever, tinham desenvolvido seu raciocínio analítico, conheciam as leis. Entendemos também, que seus discursos atingiam pequena parcela da população. Sendo assim, o mais adequado seria chamá-las pioneiras.

Quanto aos homens que escreveram a história dos homens e das elites, cabe a nós compreendê-los como verdadeiros representantes da ideologia de seu tempo. Resguardamos, entretanto, o direito de contestá-los, mostrando, através de documentação empírica, novas facetas da realidade provincial.

79. MELLO e SOUZA, 1951.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SAFFIOTI, Heleieth I. B., *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. S.P.: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. S.P.: Companhia das Letras, 1989.
- MELLO e SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*, S.P.: Companhia das Letras, 1987.
- LEITE, Míriam L. Moreira. *Família século XIX* In: *Ciência Hoje*, Vol. 3, nº 14, set./out. 84, p.p. 34-40.
- RABELLO, Edésia Corrêa. *Lá em casa era assim*. Belo Horizonte: Ed. Siderosiana, 1964.
- BINZER, Ina von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, 3ª ed., R.J.: Paz e Terra, 1982.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. S.P. Companhia Editora Nacional: 1956.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescente. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro - século XIX*. S.P.: T.A. Queiroz, 1988.
- MAGALHÃES, Elizabeth K.C. de e GIACOMINI, Sônia Maria. "A escrava ama-de-leite: anjo ou demônio? In: *Mulher, Mulheres*, orgs. Carmem Barroso e Albertina de Oliveira Costa, S.P.: Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1983.
- VARIKAS, Eleni. "Pária: uma metáfora da exclusão das mulheres". In: *Revista Brasileira de História*. Vol.9, nº 18, org. Maria Stella Bresciani, Ed. Marco Zero/ANPUH, agosto/set. 89 pp.
- MORLEY, Helena. *Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*. R.J.: José Olympio Editora, 1942.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. 2ª ed. S.P.: Ática, 1981.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*, S.P.: Ática, 1974.
- DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. 2ª ed., S.P.: Ed. Contexto, 1989.

- ALGRANTI, Leila Mezam. *O feitor ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro, (1808/1822)*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- NETO, Maria Inácia D'Avila. *A mulher e o autoritarismo: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*, R.J.: Achiamé, 1978.
- POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, S.P.: Editora da USP, 1976.
- BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*, Belo Horizonte: Itatiaia, S.P.: Editora da USP, 1976.
- BURTON, Richard. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*, Belo Horizonte: Itatiaia, S.P.: Editora da USP, 1977.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*, Belo Horizonte: Itatiaia, S.P.: Editora da USP, 1975.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, Belo Horizonte: Itatiaia, S.P.: Editora da USP, 1975.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, Belo Horizonte: Itatiaia, S.P.: Editora da USP, 1974.
- BUNBURY, Charles James Fox. *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, S.P.: Ed. da USP, 1981.
- D'ORBIGNY, Alcides. *Viagem pitoresca através do Brasil*, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, S.P.: Ed. da USP, 1976.
- FRIEIRO, Eduardo. *Feijão, Angu e Couve*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros da UFMG, 1966.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, 2ª ed. S.P.: Duas Cidades, 1981.
- ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*, 7ª ed. S.P.: Ática, 1981.
- EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Pluto Brasiliensis*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

- LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- GARDNER, Geogre. *Viagem ao Interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952.
- SPIX, Johann Baptist von e MARTIUS, Carl, F.P. von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
- LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma Economia Escravista*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- BRASIL, Ministério das Relações Exteriores, *Expedição Langsdorff ao Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Alumbamento, 1988.
- FLETCHER, James C. e KIDDER, D.P. *Brazil and the Brazilians portrayed in Historical and Descriptive Sketchs*. Boston: Little, Brown, and Company, 1879.
- MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil, particularmente aos Distritos do Ouro e do Diamante, em 1809-1810*. In *Collectanea de Scientistas Exrangeiros*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1922.
- SLENES, Robert W. "Os Múltiplos de Porcos e Diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX", *Cadernos IFCH UNICAMP* nº17, junho 1985.
- PAIVA, Clotilde A. e MARTINS, Maria do Carmo S. "Minas Gerais em 1831: Notas sobre a Estrutura Ocupacional de Alguns Municípios". *Anais do III Seminário sobre Economia Mineira*, 1986.
- PAIVA, Clotilde A. e MARTINS, Maria do Carmo S. "Notas sobre o Censo Brasileiro de 1872". *Anais do II Seminário sobre a Economia Mineira*, 1983.
- MARTINS, Roberto B. "Growing in Silence: The Slave Economy of Nineteenth Century Minas Gerais, Brazil". Tese de Doutorado, Vanderbilt University, 1980.
- MARTINS, Roberto B. "A Economia Escravista de Minas Gerais no Século XIX". *Texto para Discussão* nº10, CEDEPLAR, UFMG, 1980.

- MARTINS, Roberto B. "A Indústria Têxtil Doméstica de Minas Gerais no Século XIX". Anais do II Seminário sobre a Economia Mineira, 1983.
- MARTINS, Roberto B. e MARTINS, Maria do Carmo S. "As Exportações de Minas Gerais no Século XIX". Anais do I Seminário sobre a Economia Mineira, 1982.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala, Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olimpio Ed., 1961.
- AMERICANA, Zaira. "... mostra as imensas vantagens que a sociedade inteira obtêm da ilustração, virtudes e perfeita educação da mulher como mãe e esposa do homem". Rio de Janeiro: Tip. Dois de Dezembro, 1953.
- HAHNER, June H. "Changing Structure of Women's Employment in Urban Brazil - 1850-1920", s/1, a/ed., 15p. datilografado.
- CRESCENTI, Maria Thereza Caiuby. "A Mulher na Sociologia Brasileira". Cad. CERU. São Paulo (8): 7-31, out. 1975.
- AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Opúsculo Humanitário*. Rio de Janeiro: M.A. Silva Lima, 1853.
- MOREIRA, Nicolau Joaquim. "A Educação Moral da Mulher", discurso proferido na Academia Imperial de Medicina. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1868.
- WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Economica, 1969.
- MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. "The Brazilian Family" in Lyn Smith e Alexander Marchant. *Brazil: Portrait of Half a Century*. New York: The Dryden Press, 1951).
- LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1972.
- EXPILLY, Charles. *Mulheres e Costumes no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- RELATÓRIOS dos presidentes da Província de Minas Gerais. 1835-1889. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, s/d.